



Observando o Tietê 2025

O Retrato da Qualidade da Água
e a Evolução dos Indicadores de
Impacto do Projeto Tietê

Setembro de 2025

Observando o Tietê 2025

O Retrato da Qualidade da Água
e a Evolução dos Indicadores de
Impacto do Projeto Tietê

Setembro de 2025

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



Índice

01	Resumo	06	Mobilizações e Remadas
02	Observando o Tietê	07	Expedição Tietê 2025
03	Resultados	08	Considerações Finais
04	Evolução da Mancha de Poluição no Rio Tietê	09	Referências Bibliográficas
05	A Continuidade do Projeto Tietê		

01

Resumo



Apresentamos um panorama da qualidade da água na Bacia Hidrográfica do Rio Tietê, com foco nos rios monitorados nas regiões hidrográficas do Alto Tietê (AT), Sorocaba Médio Tietê (SMT) e Piracicaba, Capivari e Jundiaí (PCJ). A análise foi realizada com base no Índice de Qualidade da Água (IQA), conforme os parâmetros estabelecidos pela Resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA 357/05).

Trata-se de um rio simbólico, que há décadas é objeto de políticas públicas e projetos de despoluição, sendo o mais recente o Integra Tietê, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo e continuidade do Projeto Tietê, iniciado por pressão popular no começo da década de 1990.

A qualidade da água foi avaliada por meio do monitoramento mensal realizado por grupos voluntários do programa Observando os Rios, em 55 pontos de coleta distribuídos em 41 rios da bacia do Tietê — incluindo 10 pontos ao longo do rio principal e os demais em seus afluentes e subafluentes. No período de agosto de 2024 a julho de 2025, foram realizadas 387 análises.

Nesse recorte espacial, o programa contou com 46 grupos de voluntários distribuídos em 24 municípios, sendo 22 pontos localizados na capital paulista. A qualidade da água foi medida a partir de 16 indicadores que compõem o Índice de Qualidade da Água (IQA), o que possibilitou identificar a extensão e a intensidade da chamada “mancha de poluição” no rio. De forma complementar, também foram considerados dados produzidos pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB).

Segundo os dados obtidos pelos grupos voluntários do Observando os Rios, do total de pontos monitorados, a qualidade da água foi:

- 1,8%, boa;
- 61,8% regular;
- 27,3%, ruim;
- 9,1%, péssima;
- nenhum ponto registrou qualidade ótima.

Analisando exclusivamente os primeiros 576 km do curso do rio Tietê - da nascente, em Salesópolis, até a jusante do reservatório de Barra Bonita -, o relatório aponta uma redução da mancha de poluição, que passou de 207 km para 174 km. Desse total, 120 km foram classificados como de qualidade ruim e 54 km como péssima. Também foi registrado que apenas na região de cabeceira o rio apresenta 34 km de água de boa qualidade, enquanto outros 368 km permanecem em condição regular.

Cabe destacar que, embora o predomínio da condição regular represente um avanço em relação a cenários anteriores, essa classificação ainda impõe severas restrições aos usos múltiplos da água e evidencia a elevada vulnerabilidade do rio. A qualidade permanece altamente suscetível a variações climáticas, descargas e remanescentes de esgoto tratados e não tratados, operações de barragens, efeitos de eventos extremos da mudança climática e acidentes ambientais, o que reforça a necessidade de vigilância contínua e a urgência de ações estruturais de despoluição.

Summary

This study presents an overview of the water quality in the Tietê River Basin, focusing on the rivers monitored in the Upper and Middle Tietê and PCJ (Piracicaba, Capivari, and Jundiaí) hydrographic regions. The analysis was based on the Water Quality Index (WQI), according to the parameters established by the Brazilian National Council for the Environment Resolution 357/05.

The Tietê is an emblematic river that has been the subject of public policies and depollution projects for decades, the most recent being “Integra Tietê”, an initiative of the Government of the State of São Paulo, which continues the “Projeto Tietê”, launched in the early 1990s under popular pressure.

Water quality assessment was carried out through monthly monitoring conducted by volunteer groups participating in the Observando os Rios program, at 55 sampling points distributed across 41 rivers in the Tietê basin — including 10 points along the main river and the rest in its tributaries and sub-tributaries. Between August 2024 and July 2025, a total of 387 analyses were conducted.

In this spatial scope, the program involved 46 volunteer groups across 24 municipalities, with 22 points located in the capital city of São Paulo. Water quality was measured using 16 indicators that make up the WQI, which made it possible to identify the extent and intensity of the so-called “pollution stain” in the river. Additionally, data produced by CETESB (São Paulo State Environmental Agency).

According to data collected by Observando os Rios volunteer groups:

- 1.8% good quality;
- 61.8% fair quality;
- 27.3% poor quality;
- 9.1% very poor quality;
- no site recorded excellent quality.

Looking exclusively at the first 576 km of the Tietê River course, the report indicates a reduction in the pollution plume, from 207 km to 174 km — with 120 km classified as poor quality and 54 km as very poor. It was also recorded that only in the headwater region does the river present 34 km of good-quality water, while another 368 km remain in fair condition.

It is important to highlight that, although the predominance of fair quality represents progress compared to previous scenarios, this classification still imposes severe restrictions on multiple uses of the water and reveals the river's high vulnerability. Water quality remains highly susceptible to climatic variations, sewage discharges, and environmental accidents, underscoring the need of continuous monitoring and the urgency of structural pollution control measures.



02

Observando o Tietê



Introdução

Assim como na edição do Observando os Rios lançada em março, este relatório da Fundação SOS Mata Atlântica apresenta um formato renovado, pensado para uma leitura mais dinâmica. A história do Observando o Tietê, a metodologia aplicada e formas de participação estão agora disponíveis no site da organização.

[🔗 Visite o site](#)

Apresentamos, aqui, a evolução dos Indicadores de Qualidade da Água na Bacia Hidrográfica do Rio Tietê, com base no monitoramento mensal conduzido por grupos voluntários do programa Observando os Rios, complementado por dados oficiais e acadêmicos.

O rio Tietê percorre 1.100 km de leste a oeste do estado de São Paulo, desde a nascente em Salesópolis até a foz no rio Paraná, em Itapura, e está dividido em seis Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (UGRHIs).

A bacia abrange 265 municípios, em uma área de drenagem de 9,17 milhões de hectares. Desse total, 79% situam-se no bioma Mata Atlântica (7,22 milhões de hectares) e, o restante, no Cerrado.

Desde 2010, a SOS Mata Atlântica monitora a chamada mancha de poluição – trechos com baixa concentração ou ausência de oxigênio dissolvido (condição anaeróbica), impróprios para usos múltiplos – e, nesta edição, apresenta os resultados referentes ao período de agosto de 2024 a julho de 2025, produzidos por grupos voluntários e complementados por dados da CETESB.

Os dados gerados seguem o Índice de Qualidade da Água (IQA), considerando 16 parâmetros físicos, químicos, biológicos e de percepção, com base na Resolução CONAMA 357/05, que permite classificar a água como ótima, boa, regular, ruim ou péssima.

A qualidade ambiental das bacias hidrográficas reflete os serviços de saneamento básico, o uso e a ocupação do solo, a cobertura florestal, o clima, o manejo e a operação de reservatórios, as ações de fiscalização, educação e engajamento da população, além das atividades econômicas desenvolvidas nas regiões hidrográficas.

O monitoramento da qualidade da água, realizado de forma voluntária e contínua por grupos da sociedade, constitui um instrumento de cidadania e de governança em prol de uma Água Limpa para Todos.

O IQA classificado como bom é ideal e fundamental para garantir a segurança hídrica e viabilizar os usos múltiplos da água. Entre esses usos, destacam-se: o abastecimento público, a irrigação de alimentos e hortaliças, a pesca, as atividades de lazer, o turismo, a navegação e a geração de energia, além da manutenção dos ecossistemas e do resgate da cultura nos municípios ribeirinhos, cuja história e desenvolvimento estão diretamente associados ao rio. Já a qualidade regular, embora permita diversos usos da água, impõe restrições aos usos mais nobres e exige atenção especial dos gestores públicos e da sociedade por ser altamente suscetível às condições climáticas e às variações de vazão dos rios.

O rio Tietê possui diferentes classificações de enquadramento da água, que variam conforme os usos preponderantes em cada uma de suas regiões hidrográficas. Essa classificação é definida por lei e, na ausência de deliberação dos Comitês de Bacias Hidrográficas, aplica-se automaticamente a Classe 2.

A classificação varia de Classe Especial até a Classe 4, sendo esta a mais permissiva em relação ao recebimento de poluentes - o que, em certa medida, condena os corpos d'água a permanecerem em condição de alta degradação.

No Alto Tietê, as áreas de manancial são enquadradas na Classe 1, enquanto grande parte dos rios e córregos urbanos, como o Tamanduateí, o Pinheiros e o próprio Tietê, no trecho de Guarulhos a Pirapora do Bom Jesus, está classificada na Classe 4.

A partir da Barragem de Pirapora do Bom Jesus, no Médio Tietê, no trecho das corredeiras do Vale do Tietê, o rio é enquadrado na Classe 2, condição que se busca alcançar. A dificuldade, porém, está no fato de serem necessários diversos esforços no trecho a montante para que as águas deixem a Classe 4 e avancem, por meio de metas progressivas de qualidade, até os padrões da Classe 2.

Os Comitês de Bacias Hidrográficas — especialmente o do Alto Tietê, mas também o do Sorocaba Médio Tietê — precisam assumir um papel mais ativo, cobrando não apenas os poderes públicos municipais e estadual, mas também agricultores e empresários, para que sejam implementadas ações afirmativas e concretas que assegurem a melhoria progressiva e contínua da qualidade das águas das bacias.

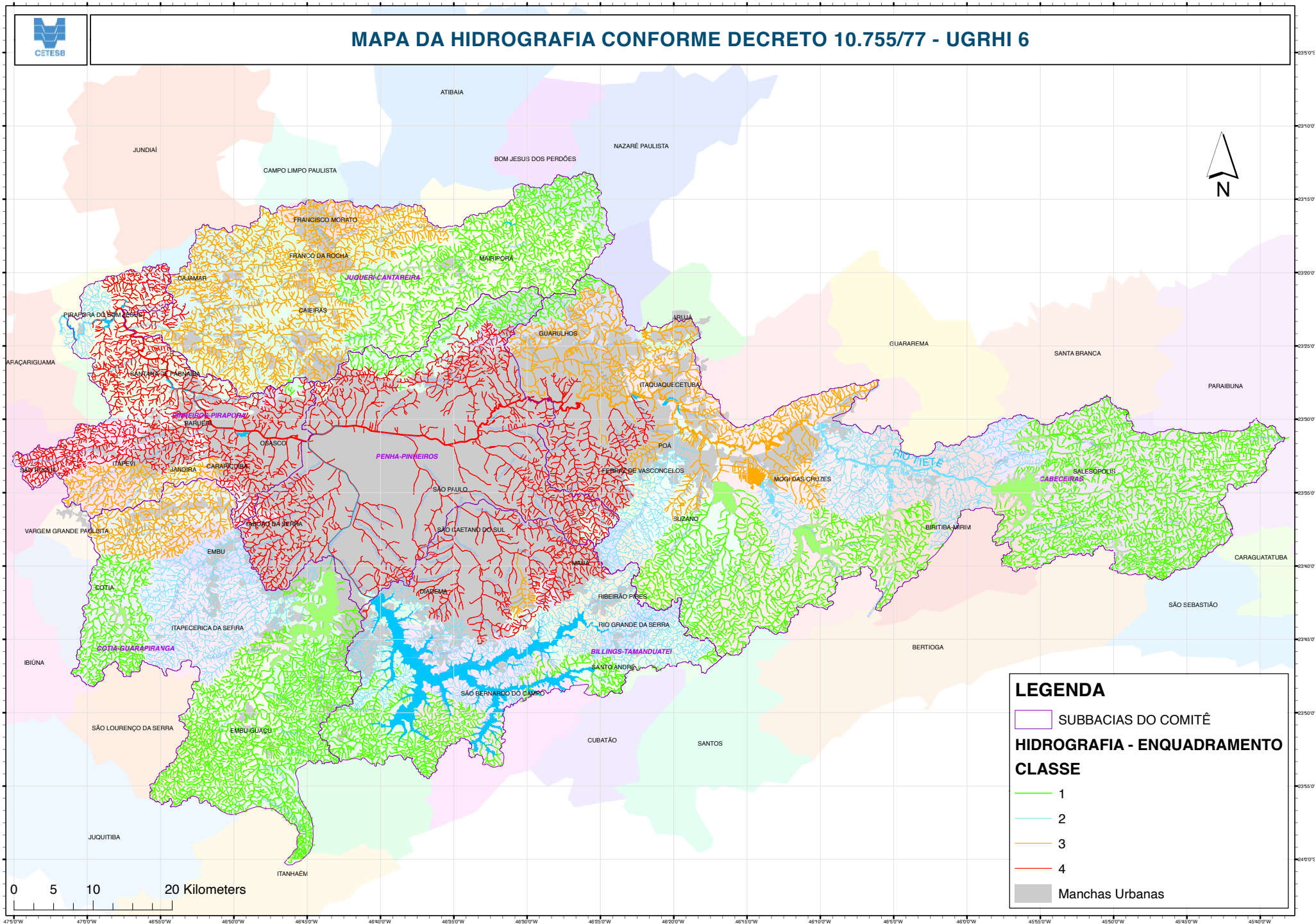


Figura 1 - Enquadramento dos rios da Bacia do Alto Tietê

A Classe 4 representa a pior condição ambiental entre todas as categorias, pois não estabelece limites para a concentração de poluentes a serem diluídos no rio. Dessa forma, a água permanece com índices ruim ou péssimo, que inviabilizam os usos múltiplos. Já nas Classes 2 e 3, a qualidade da água é considerada adequada para algumas finalidades, desde que submetida a tratamento.

A grande quantidade de corpos d’água e trechos de rios na Classe 4 compromete a qualidade ambiental das bacias hidrográficas. Esta situação intensifica os conflitos pelo uso da água nas regiões produtoras de água de melhor qualidade, que acabam sendo contaminadas por poluentes provenientes das bacias a montante.

A diluição de efluentes não tratados representa o maior desperdício de água do país e é um dos principais fatores de indução de doenças de veiculação hídrica, da perda do convívio da população com os rios e da degradação de uma importante fonte de abastecimento.

Observando os Rios



Quando um grupo de voluntários chega à beira de um rio carregando um kit de análise, algo muito maior do que um simples teste físico, químico e biológico está prestes a acontecer. Ali se inicia um encontro entre pessoas e um pedaço vivo do território que, muitas vezes, passa despercebido no dia a dia. É assim, mês após mês, que o Observando os Rios, da Fundação SOS Mata Atlântica, transforma cidadãs e cidadãos em guardiãs e guardiões das águas.

O processo de monitoramento participativo da água é simples, mas poderoso: medir temperatura, turbidez, oxigênio dissolvido, nitratos e outros parâmetros que, em conjunto, compõem o IQA. Esses dados, transformados em números, são enviados para uma plataforma aberta e se somam às informações de centenas de outros grupos espalhados pelo Brasil. Cada ponto medido é uma história – e, muitas vezes, um alerta.

Não é raro que esses resultados se transformem em argumentos para pressionar autoridades, embasar denúncias ou exigir investimentos em saneamento. Para quem participa, porém, o impacto vai além das planilhas: é estar diante do rio, aprender a ler suas cores e cheiros, perceber quando a vida aquática retorna - ou desaparece.

O Observando os Rios é, no fundo, uma rede de olhares atentos. É gente que ensina e aprende, que se conecta pela causa e pelo lugar onde vive. É ciência feita com as mãos e com o coração. Olhar para a sociedade pela ótica do rio é aprender a decifrar, em suas linhas e curvas, a escrita do nosso próprio envolvimento. Afinal, o rio é um espelho da sociedade e, ao falar de si, fala de nós. E, enquanto houver alguém disposto a chegar à beira de um córrego para medir sua saúde, haverá esperança de que nossas águas voltem a correr limpas e livres.



O Observando os Rios nasceu no início da década de 1990, quando a SOS Mata Atlântica se engajou na mobilização pela despoluição do rio Tietê. Naquele momento, 1,2 milhão de pessoas assinaram um abaixo-assinado exigindo melhorias nas condições do principal rio paulista. Como resposta à pressão popular, tiveram início as obras do Projeto Tietê. Para acompanhar de perto sua execução, a Fundação lançou o Observando o Tietê, mobilizando a sociedade para monitorar a qualidade da água do rio — afinal, ele e seus afluentes seriam os verdadeiros indicadores da efetividade das ações.

[Conheça a história](#)

Metodologia

Os dados do Índice de Qualidade das Águas (IQA) reunidos neste relatório seguem a legislação vigente e os protocolos técnicos de coleta e medição, aplicando a Metodologia de Monitoramento por Percepção da Qualidade da Água. Desde 1993, essa metodologia vem sendo aplicada e aprimorada, oferecendo instrumentos para que a sociedade compreenda os fatores que afetam a saúde dos rios e participe ativamente da gestão da água e do meio ambiente.

Em 2015, a metodologia foi expandida para os 17 estados do bioma Mata Atlântica, e o programa passou a se chamar Observando os Rios. Atualmente, reúne cerca de 2 mil voluntários que monitoram mais de uma centena de rios.

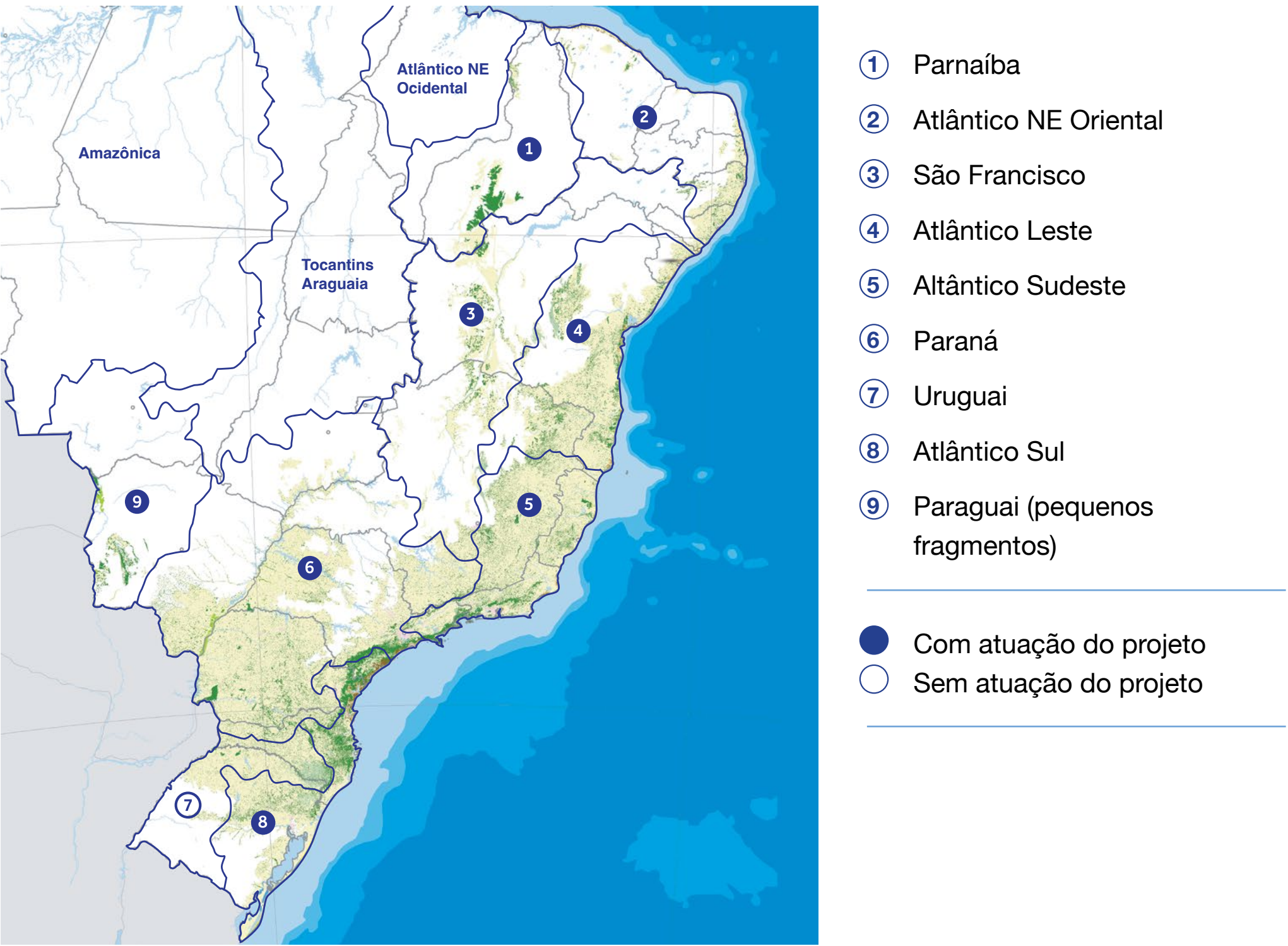


Figura 2 - Regiões Hidrográficas da Mata Atlântica

A metodologia do Observando os Rios permite que qualquer pessoa, mesmo sem conhecimento técnico prévio, analise e classifique a qualidade das águas. Trata-se de um exemplo de Ciência Cidadã, em que cidadãos comuns geram dados confiáveis, em tempo real, sobre os corpos d'água.



A frequência das coletas mensais garante consistência e detalhamento no retrato ambiental dos rios da Mata Atlântica, refletindo as diferentes condições climáticas ao longo do ano. Essa regularidade permite que a sociedade identifique rapidamente variações e impactos - muitas vezes antes dos dados oficiais, que costumam ser produzidos em menor frequência, apenas nos períodos seco e chuvoso.

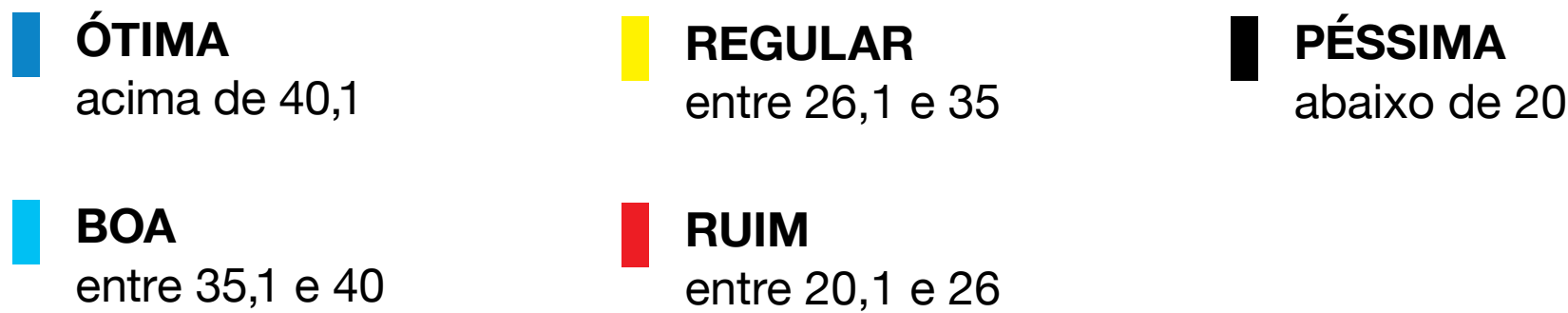


Figura 3 - Classificação da qualidade da água por pontuação obtida

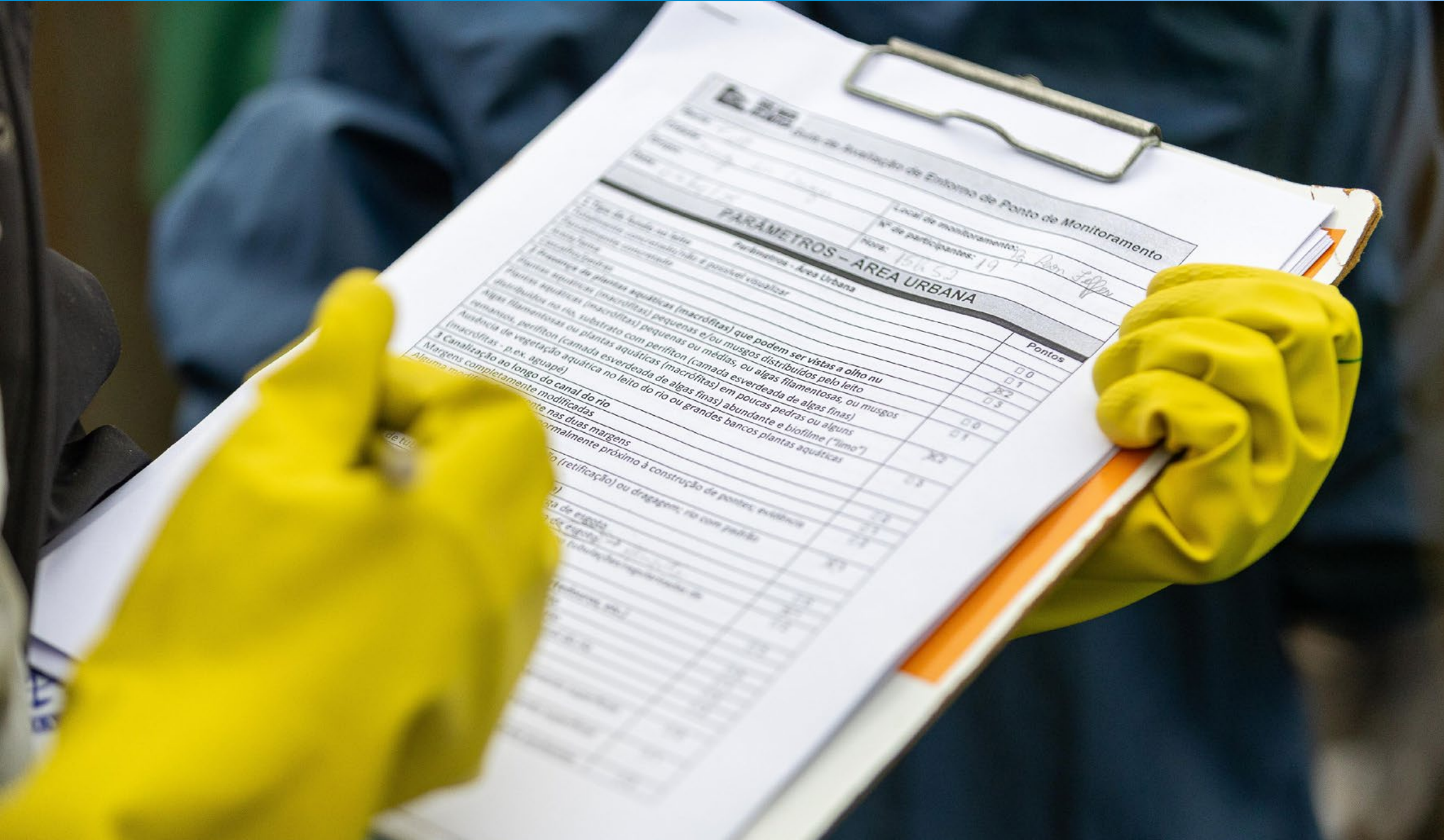
Outro diferencial do programa é traduzir os dados para a sociedade e transformá-los em informações úteis para a gestão e a governança. O ato de monitorar vai além da coleta: é também um momento de mobilização comunitária, educação ambiental e valorização dos rios locais, o que, em muitos casos, representa o resgate da relação de uma comunidade com seu rio.

A metodologia também valoriza o monitoramento de pequenos rios, riachos, ribeirões, arroios e córregos, frequentemente fora do radar das políticas públicas, que costumam priorizar os rios de maior porte.

[Confira a metodologia](#)

03

Resultados

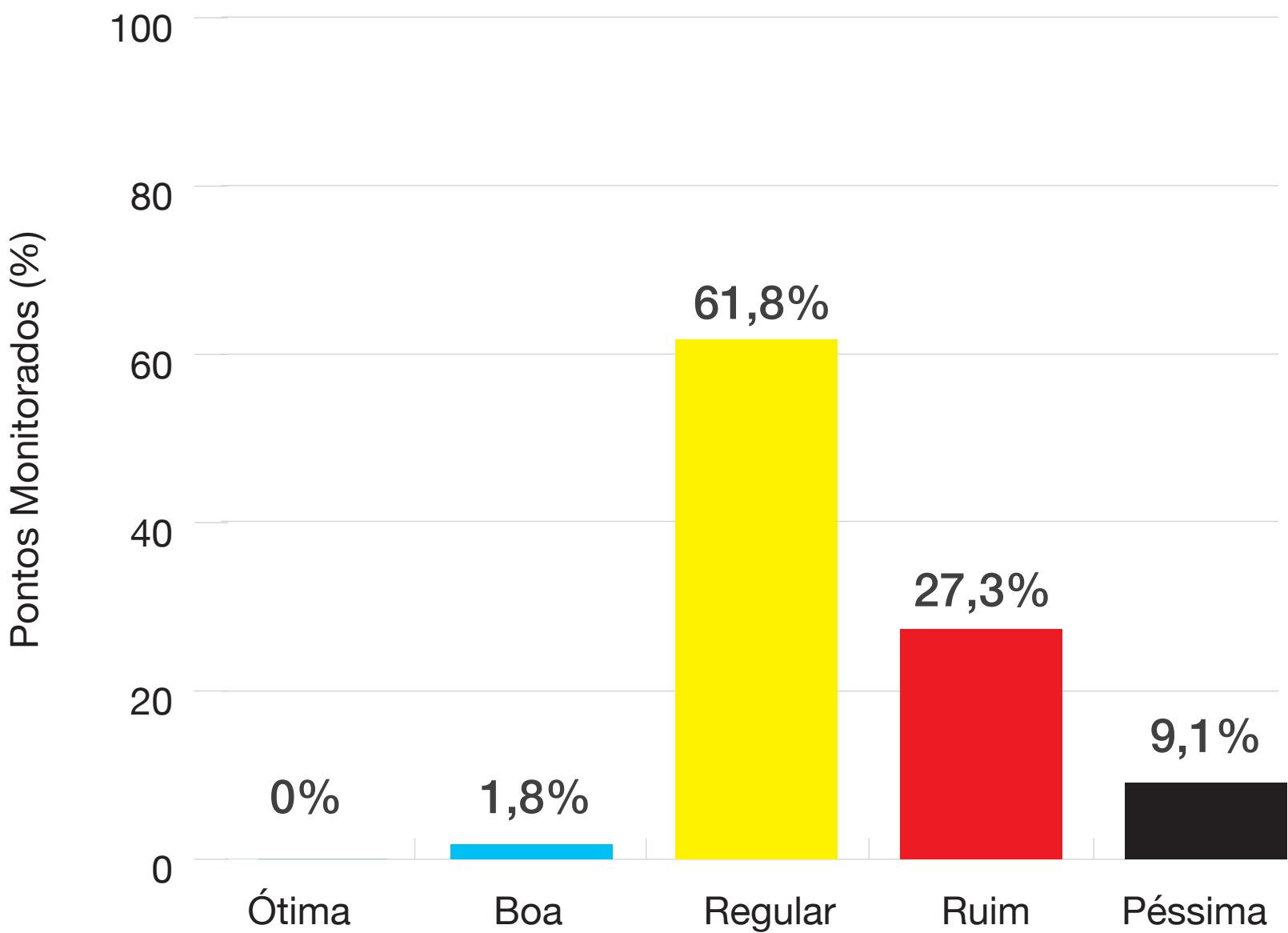


Resultados Gerais

Neste relatório, apresentamos os resultados do ciclo de monitoramento realizado entre agosto de 2024 e julho de 2025, bem como outras atividades desenvolvidas pelo programa.

Para o monitoramento da qualidade da água, foram realizadas 387 análises - ante 379 no ano anterior - por grupos voluntários e pela equipe técnica da Fundação, em 55 pontos de coleta distribuídos em 41 rios, sendo 10 no próprio Tietê, nas bacias do Alto Tietê (AT), Sorocaba/Médio Tietê (SMT) e Piracicaba, Capivari e Jundiaí (PCJ). Essas regiões reúnem 102 municípios e correspondem a 50% da área de drenagem do rio.

Confira os dados obtidos pelos grupos voluntários do Observando os Rios:



Índices	Total	%
Ótima	0	0,0%
Boa	1	1,8%
Regular	34	61,8%
Ruim	15	27,3%
Péssima	5	9,1%
TOTAL	55	100%

Figura 4 - Resultados Gerais em 2024

Mais uma vez, nenhum ponto apresentou qualidade ótima.

O cenário é preocupante: menos de 70% dos pontos avaliados reúnem condições adequadas para usos múltiplos da água, como agricultura, indústria, abastecimento humano, dessedentação animal, lazer e esportes.

Os resultados também apontam mudanças em relação ao período anterior. Houve redução no número de pontos com qualidade boa e aumento daqueles classificados como ruins, enquanto a parcela de locais com qualidade regular se manteve estável. Já os pontos em condição péssima diminuíram uma unidade.

Esse quadro mantém o alerta sobre os rios das bacias do Alto e Médio Tietê, reforçando a fragilidade ambiental que caracteriza a maioria dos cursos d’água monitorados nessas regiões. Entre os fatores que explicam esse desempenho negativo estão as deficiências no saneamento básico, a degradação dos solos e a perda da cobertura de matas nativas.

O clima tem relação direta com a qualidade da água e a vazão dos rios e, no atual contexto de emergência climática, intensificam-se as variações entre períodos de seca e de chuvas fortes, com impactos diretos na região hidrográfica monitorada.

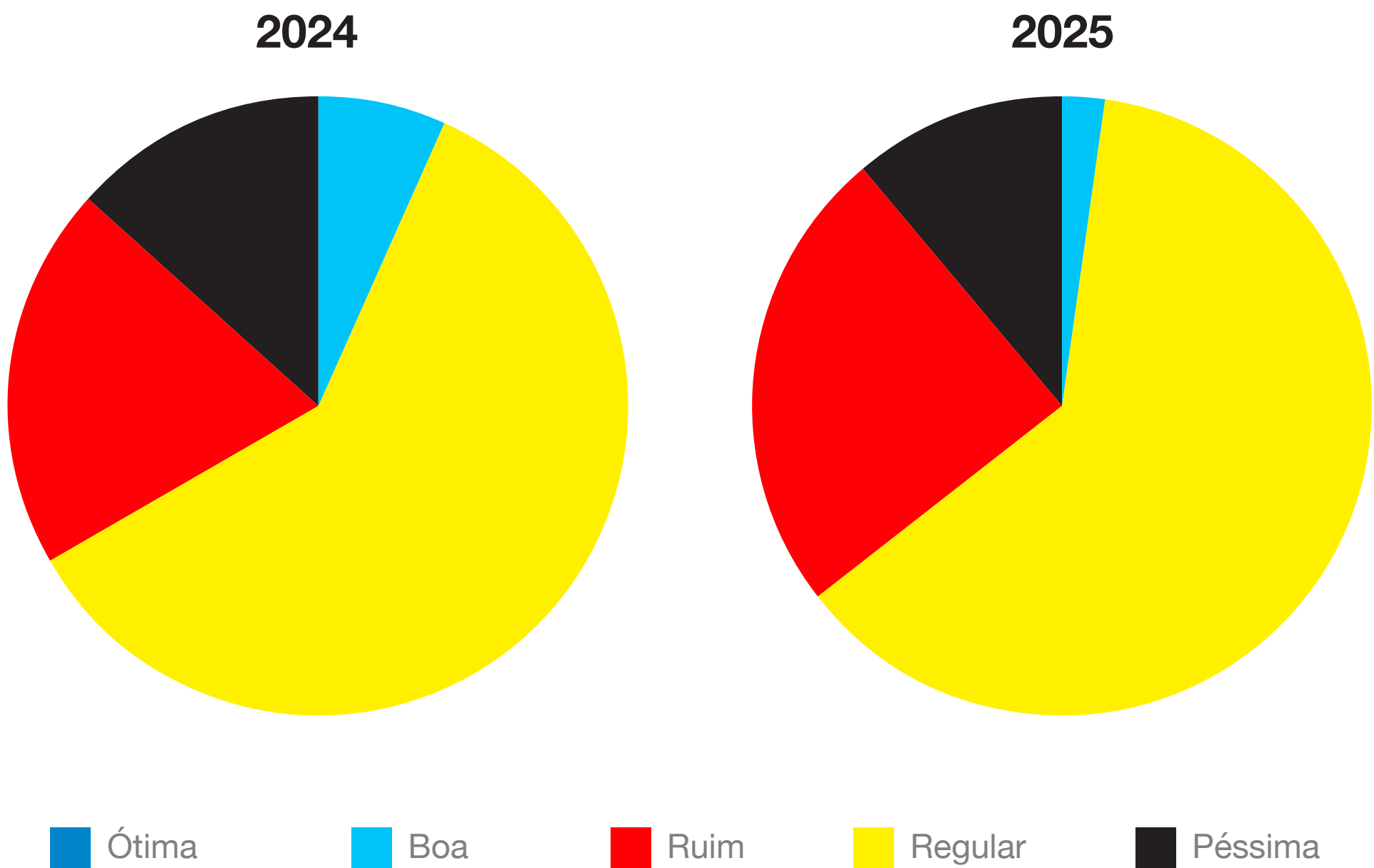
[↗ Confira os resultados completos no site](#)

Dados Comparativos 2024-2025 e Evolução Desde 2010

Dos 45 pontos de monitoramento analisados nos dois últimos períodos consecutivos (2023-24 e 2024-25), os resultados indicam algumas variações importantes:

- 3 pontos eram classificados como bons no período anterior; agora, apenas 1 permanece nessa categoria.
- 28 pontos estão regulares, frente a 27 no ciclo passado.
- 11 pontos foram considerados ruins, contra 9 anteriormente.
- Dos 6 pontos classificados como péssimos no ciclo anterior, 5 permaneceram nessa condição, todos nos mesmos locais já identificados, com exceção de Itaquaquecetuba: o rio Pinheiros e o córrego do Jaguaré, em São Paulo, e o Ribeirão dos Meninos, em São Caetano do Sul.

Confira os dados comparativos:



Índices	2024	2025
Ótima	0	0
Boa	3	1
Regular	27	28
Ruim	9	11
Péssima	6	5

Figura 5 - Resultados Comparativos 2024-2025

O ponto de monitoramento do Tietê em Itaquaquecetuba apresenta tendência de melhoria, saindo da condição péssima para ruim. Em sentido contrário, dois pontos perderam qualidade, caindo da categoria boa para regular: o córrego do Sapateiro, em São Paulo, e o córrego do Balainho, em Suzano.

Mais uma vez, chama atenção a situação do rio Pinheiros, que manteve a qualidade péssima em todos os três pontos analisados. O enquadramento desse rio na Classe 4 ajuda a explicar o cenário: trata-se da pior categoria da legislação, pois não estabelece limites para a concentração de poluentes. Assim, mesmo em condição péssima, o rio pode ser considerado em

conformidade com a sua classificação do ponto de vista regulatório. Essa foi a meta estabelecida pelo projeto Novo Rio Pinheiros, cujo objetivo era tornar menos insalubre a convivência da população com o rio. Essa realidade, no entanto, está muito aquém do que a sociedade deseja para os rios urbanos.

Apesar dos investimentos realizados pelo projeto, o Pinheiros ainda apresenta qualidade péssima, o que evidencia a precariedade de sua condição anterior. As melhorias já percebidas pela população e divulgadas pela mídia reforçam a necessidade de ações contínuas no processo de despoluição, que deve abranger desde as áreas periféricas, onde estão as nascentes, até as regiões centrais. Só assim os resultados desse trabalho sério e participativo poderão se traduzir em ganhos efetivos de qualidade socioambiental ao longo de toda a bacia.

Há, portanto, a necessidade de revisão do enquadramento dos rios na bacia, para que os resultados sejam mais consistentes. O exemplo de Paris e do rio Sena é ilustrativo. Ao longo de décadas de trabalho e com investimentos adicionais voltados aos Jogos Olímpicos de 2024, o Sena colheu os frutos de mais de 30 anos de ações de contenção da poluição e de engajamento da sociedade, apresentando avanços significativos e sendo liberado para banhos públicos em julho de 2025. Trata-se de um exemplo inspirador para o mundo: quando políticas públicas comprometidas se unem ao apoio cidadão, os rios podem ser resgatados e devolvidos à vida. Vale destacar que as legislações paulista e brasileira de recursos hídricos também se espelharam na legislação francesa de gestão das águas.

[↻ Confira os resultados completos no site](#)

04

Evolução da Mancha de Poluição no Rio Tietê



Os indicadores de qualidade da água levantados desde 2010 - ano considerado marco zero da evolução dos impactos do Projeto de Despoluição do Rio Tietê, quando se iniciava a Terceira Etapa - permitem mensurar a mancha anaeróbica de poluição no rio Tietê e sua influência sobre a condição ambiental da bacia hidrográfica.

Com base na média do IQA do ciclo de 12 meses de monitoramento, e no ajuste de período adotado desde o relatório anterior, é feita a espacialização dos dados para representar a extensão da mancha de poluição entre as diferentes regiões hidrográficas. Os indicadores mensais, obtidos nas campanhas de monitoramento, são coletados em pontos fixos, georreferenciados, distribuídos ao longo dos 576 km do rio – desde a nascente, no município de Salesópolis, até Barra Bonita, a jusante da eclusa.

As análises no decorrer deste ciclo de monitoramento realizado ao longo do leito do rio Tietê, apontam uma diminuição no trecho com qualidade de água boa, devido ao comprometimento na qualidade em um ponto na região do Alto Tietê Cabeceira, no município de Mogi das Cruzes, que passou a apresentar qualidade regular. Em contrapartida, três pontos, localizados em trechos a jusante, em Suzano, Itaquaquecetuba e Guarulhos, evoluíram da qualidade péssima para ruim.

A partir da área urbana de Mogi das Cruzes, passando pela capital paulista até o município de Cabreúva, os indicadores de qualidade medidos no rios variaram de ruim a péssimo, com trechos oscilando entre essas duas classificações. E no trecho do Médio Tietê, a jusante de Cabreúva, até Barra Bonita, o rio passa a apresentar qualidade regular, inclusive em Botucatu, que anteriormente registrava qualidade boa.

Os dados utilizados para mensurar a evolução da mancha de poluição sobre o rio Tietê foram extraídos da média dos indicadores obtidos nas análises dos grupos voluntários do Observando os Rios e da equipe técnica da SOS Mata Atlântica, além de dados oficiais da CETESB, a fim de complementar trechos onde não há grupos de monitoramento.

Destaques:

- A condição boa da água se estende da nascente, em Salesópolis, até Biritiba Mirim, em um trecho de 34 km - ante 119 km do período anterior.
- A condição regular se prolonga por 368 km, divididos em dois trechos: um na cabeceira, em Mogi das Cruzes, e o restante na região do Médio Tietê, de Cabreúva a Barra Bonita - contra 250 km no ciclo anterior.
- As águas classificadas como ruins somam 120 km (131 km no período anterior), e as de qualidade péssima, 54 km (76 km no relatório do ano passado).

Assim, a extensão da mancha de poluição diminuiu em relação ao período anterior, passando de 207 km para 174 km: uma redução de 15,9%. Esse recuo ainda está muito distante dos melhores indicadores obtidos nos anos de 2014, quando ficou contida a 71 km, e de 2022, com a maior queda desde o início da série histórica, de 64 km, no trecho Metropolitano, conforme aponta o gráfico a seguir:

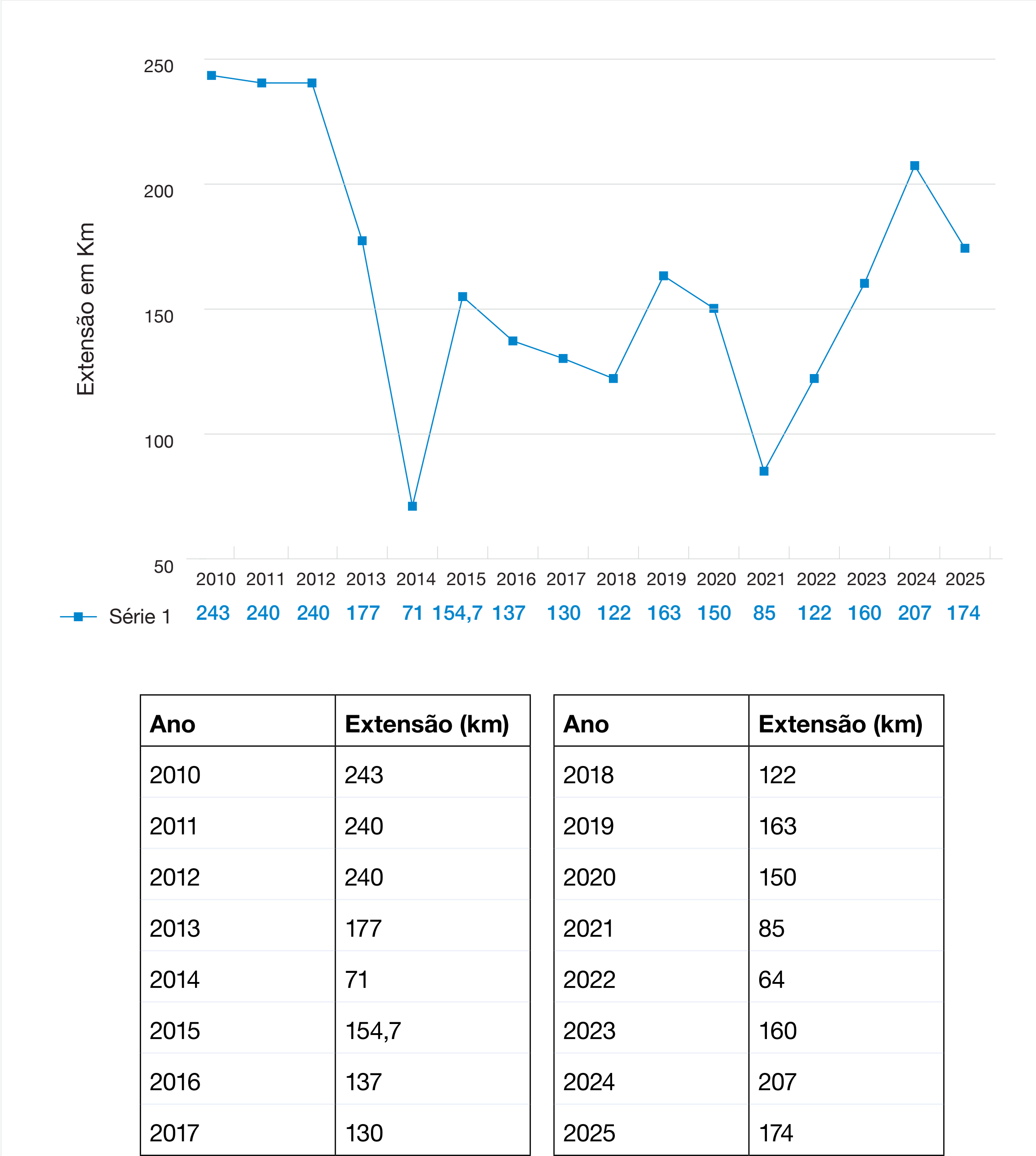


Figura 6 - Evolução da mancha de poluição no rio Tietê

Esperava-se que os intensos trabalhos de ampliação da coleta e tratamento de esgotos - realizados nas terceira e quarta etapas do Projeto Tietê e no Projeto Novo Rio Pinheiros, voltado à despoluição da bacia do Pinheiros - trouxessem resultados positivos para o Médio Tietê, sobretudo no trecho a jusante do chamado ‘Cebolão’, na Capital paulista, onde os rios se encontram. No entanto, os resultados apontam que as variações na qualidade da água ao longo dos anos, especialmente em trechos com intensa urbanização e mudanças no uso do solo e às condições climáticas,

reforçam a urgência da universalização da coleta e tratamento de esgotos para todos os habitantes das bacias do Tietê e, de forma mais ampla, de todo o estado de São Paulo.

Um fator importante para a qualidade da água dos rios é o volume médio e a regularidade das chuvas. A precipitação exerce papel essencial na diluição dos poluentes, na chamada “limpeza” atmosférica e na recarga do solo. Assim, maiores volumes de chuva tendem a reduzir a concentração de contaminantes nos corpos hídricos. Por outro lado, esse mesmo processo de lavagem da atmosfera pode aumentar a presença de material particulado e de alguns compostos gasosos na água. Além disso, as enxurradas transportam diretamente para os rios a poluição difusa — poeira, terra, lixo descartado de forma inadequada, óleo de veículos, entre outros.

Apesar desse impacto imediato, a chuva também exerce um papel positivo ao infiltrar-se em áreas permeáveis, reabastecendo os lençóis freáticos e sustentando as nascentes durante períodos de estiagem.

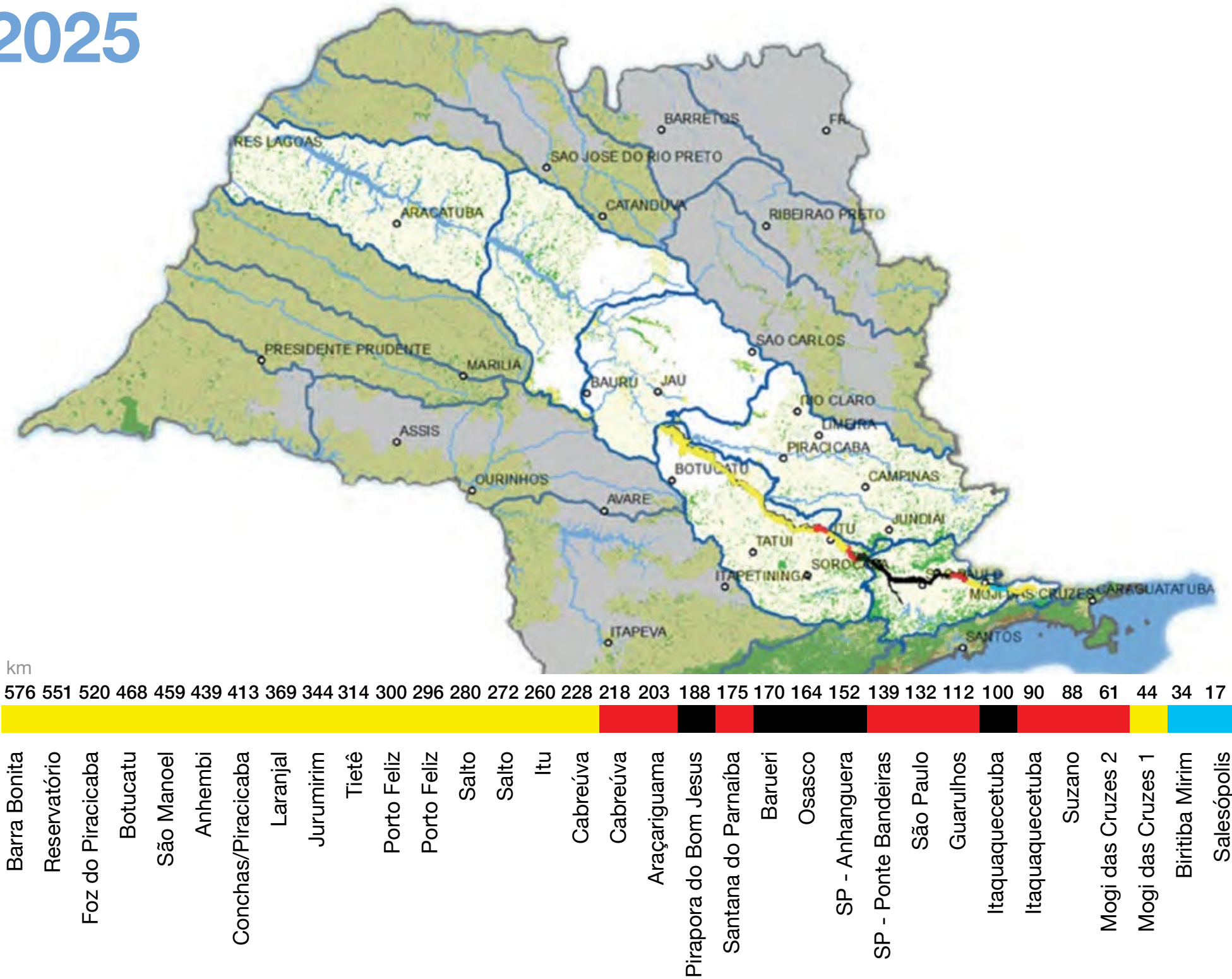
Dada essa importância, é fundamental destacar que, segundo dados do Sistema de Alerta de Inundações de São Paulo (SAISP), desde 2010 tem sido registrada uma redução significativa do volume anual de chuvas. Naquele ano, o acumulado foi de 2.050 mm, enquanto em 2024 registrou-se apenas 1.072 mm. Esse cenário reforça a urgência de ações consistentes na área de saneamento básico em suas quatro dimensões: abastecimento de água, esgotamento sanitário, manejo de resíduos sólidos e drenagem urbana.

Outro fator que influencia as variações na qualidade da água do rio Tietê são as operações de barragens, que determinam quando e onde o rio terá maior ou menor volume de água, além de impactar o carregamento de sedimentos acumulados nos reservatórios para longos trechos a jusante.

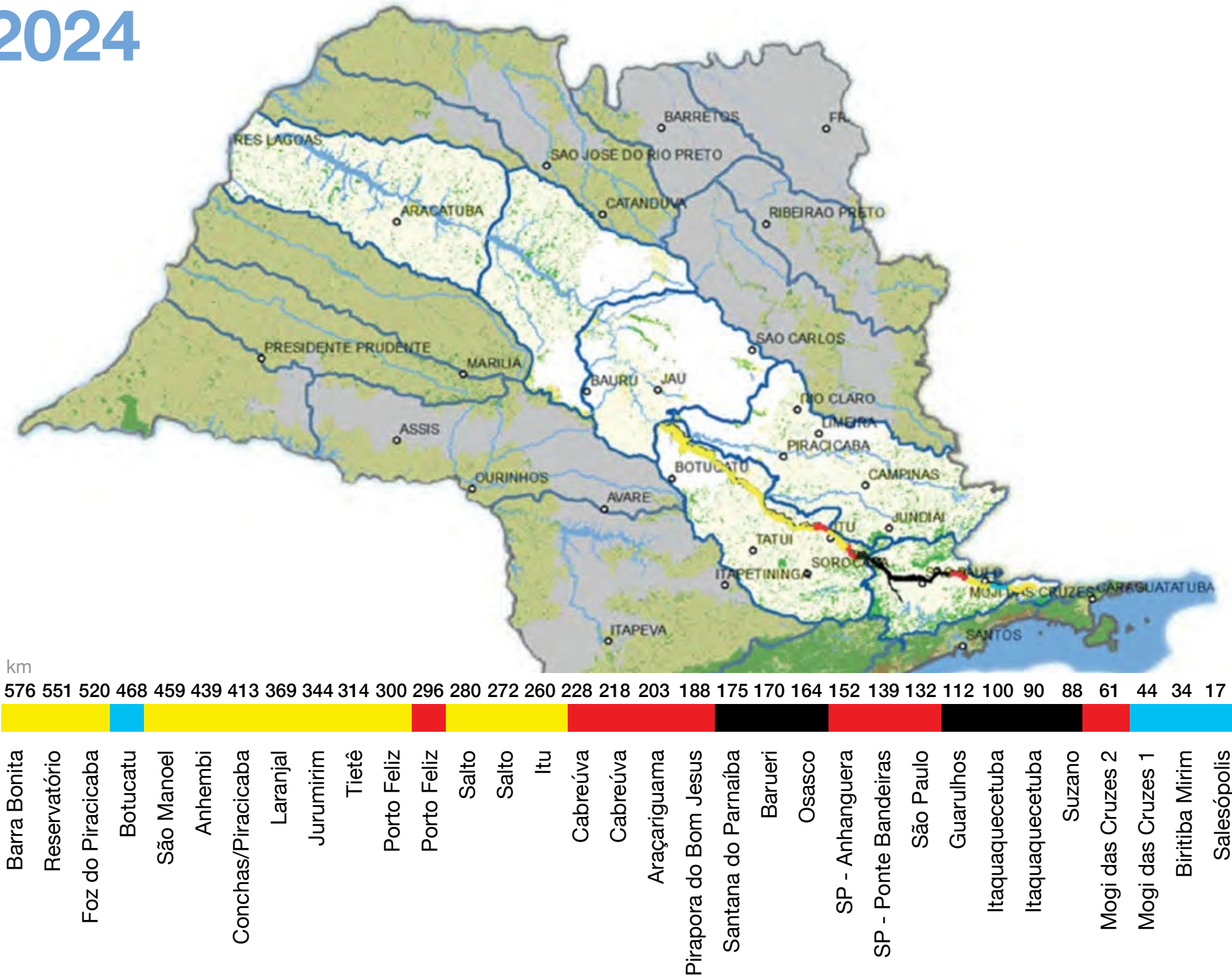
Apesar de fatores como alterações climáticas, mudanças de uso do solo e outros processos favorecerem maior concentração de poluição no rio Tietê e em seus afluentes, os trabalhos de coleta e tratamento de esgotos permanecem fundamentais para a recuperação da qualidade da água do rio.

Confira os mapas da mancha de poluição no rio Tietê:

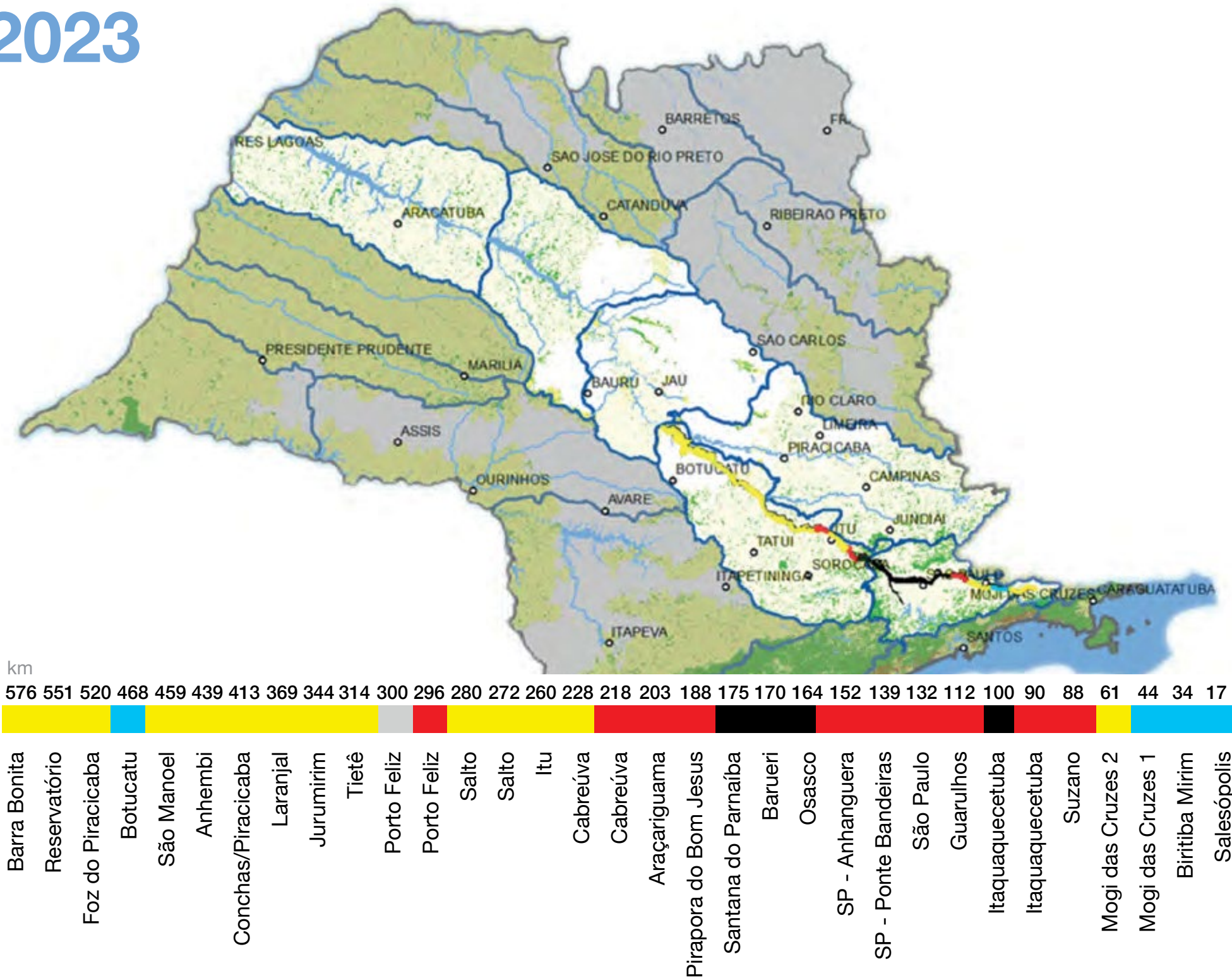
2025



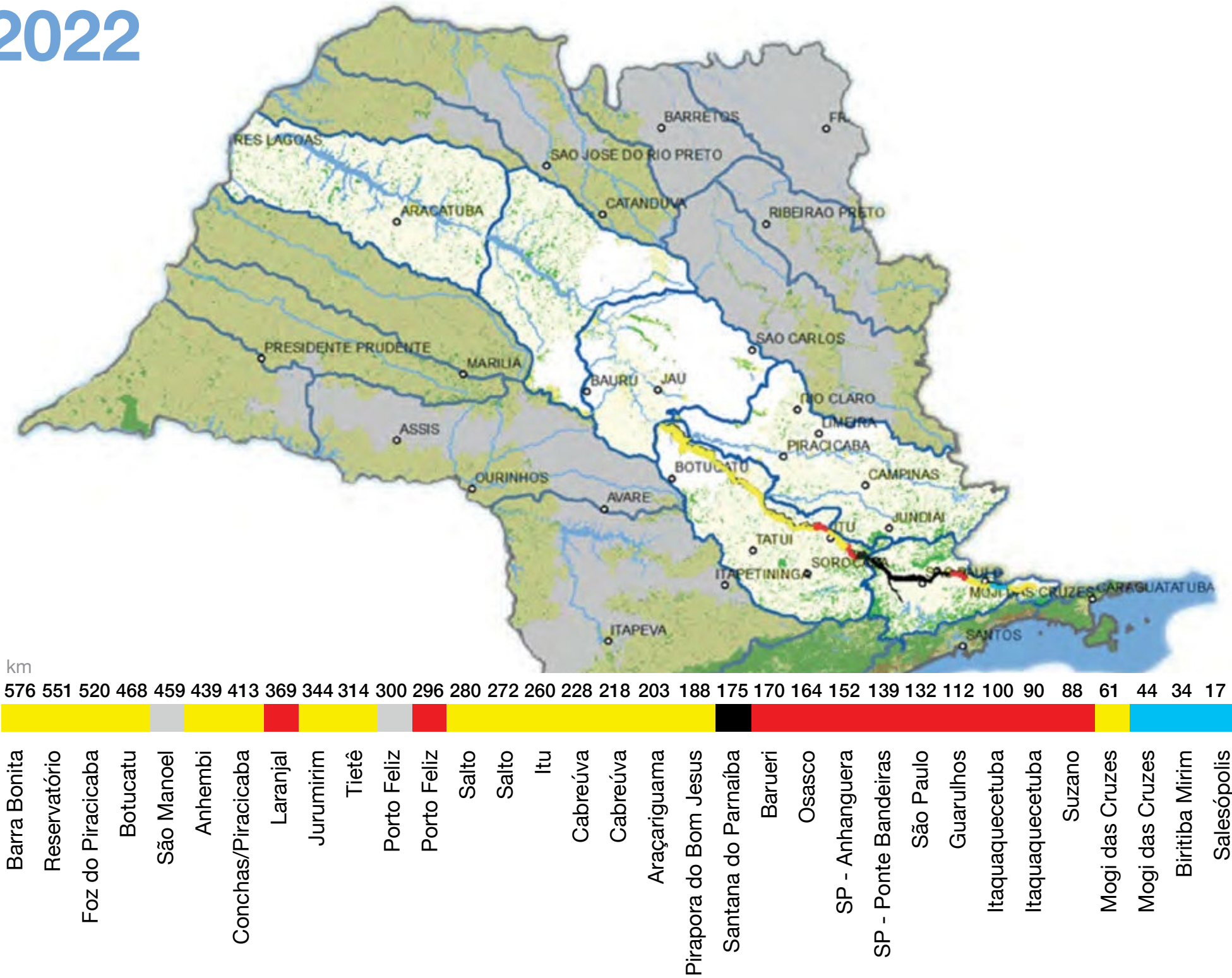
2024



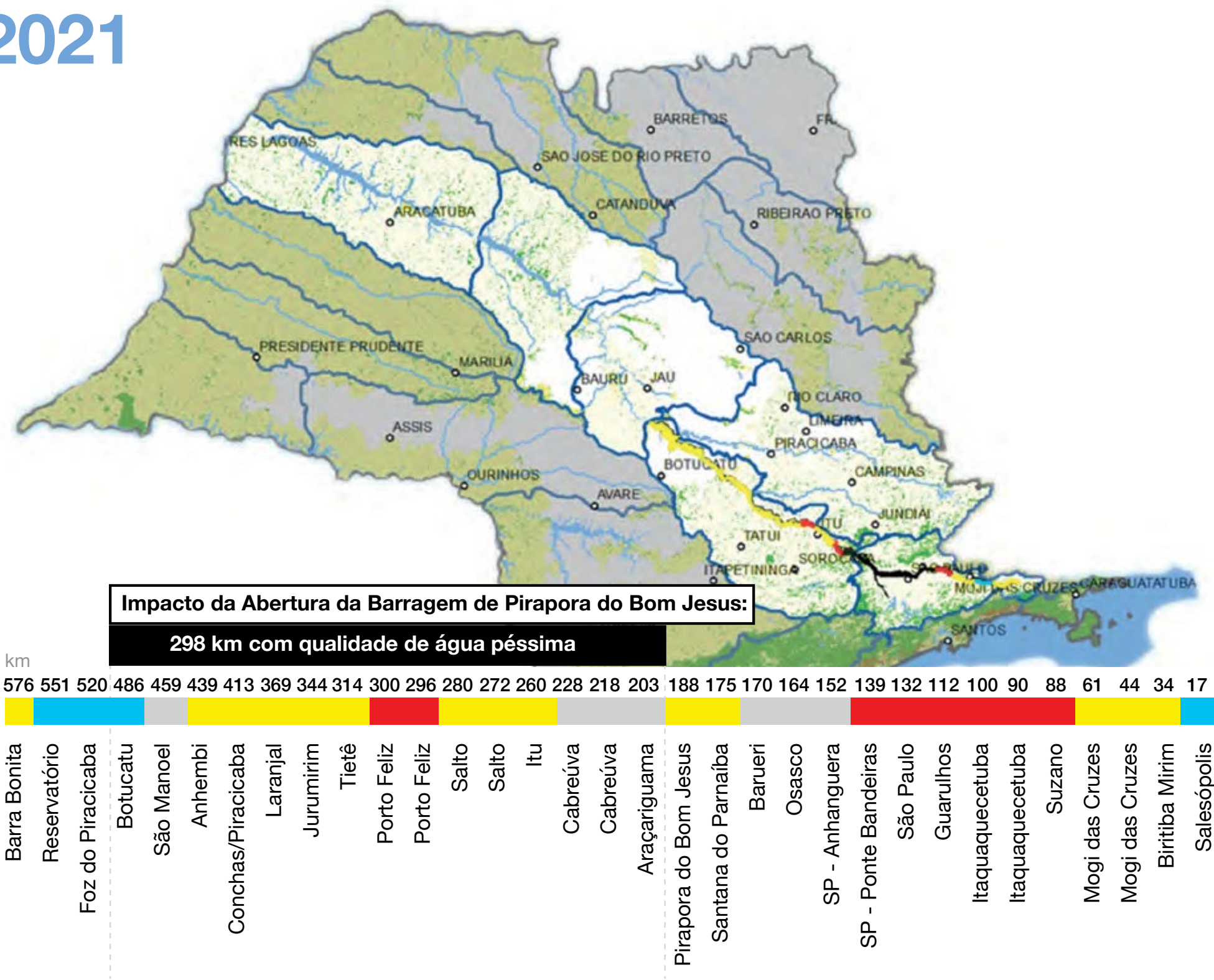
2023



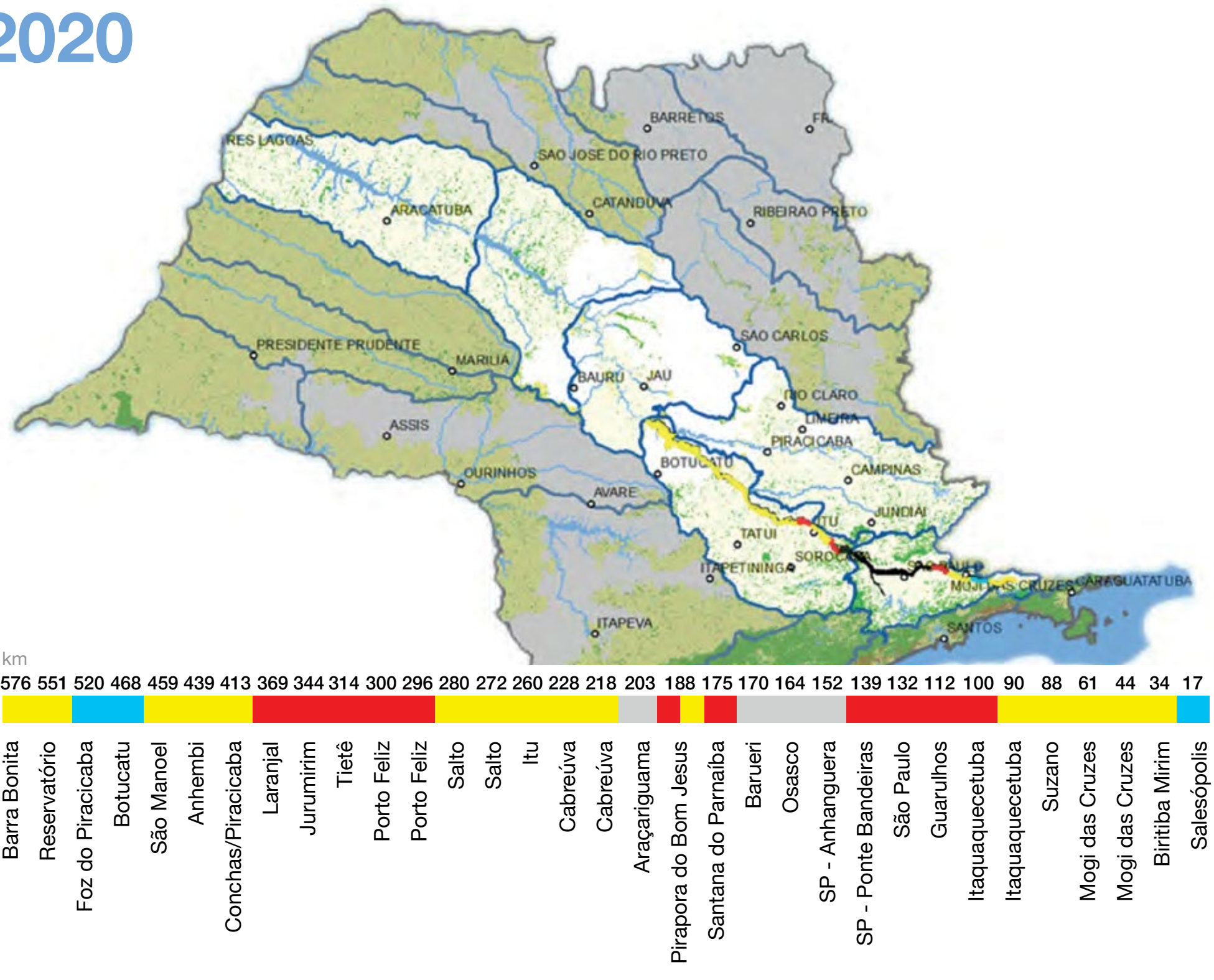
2022



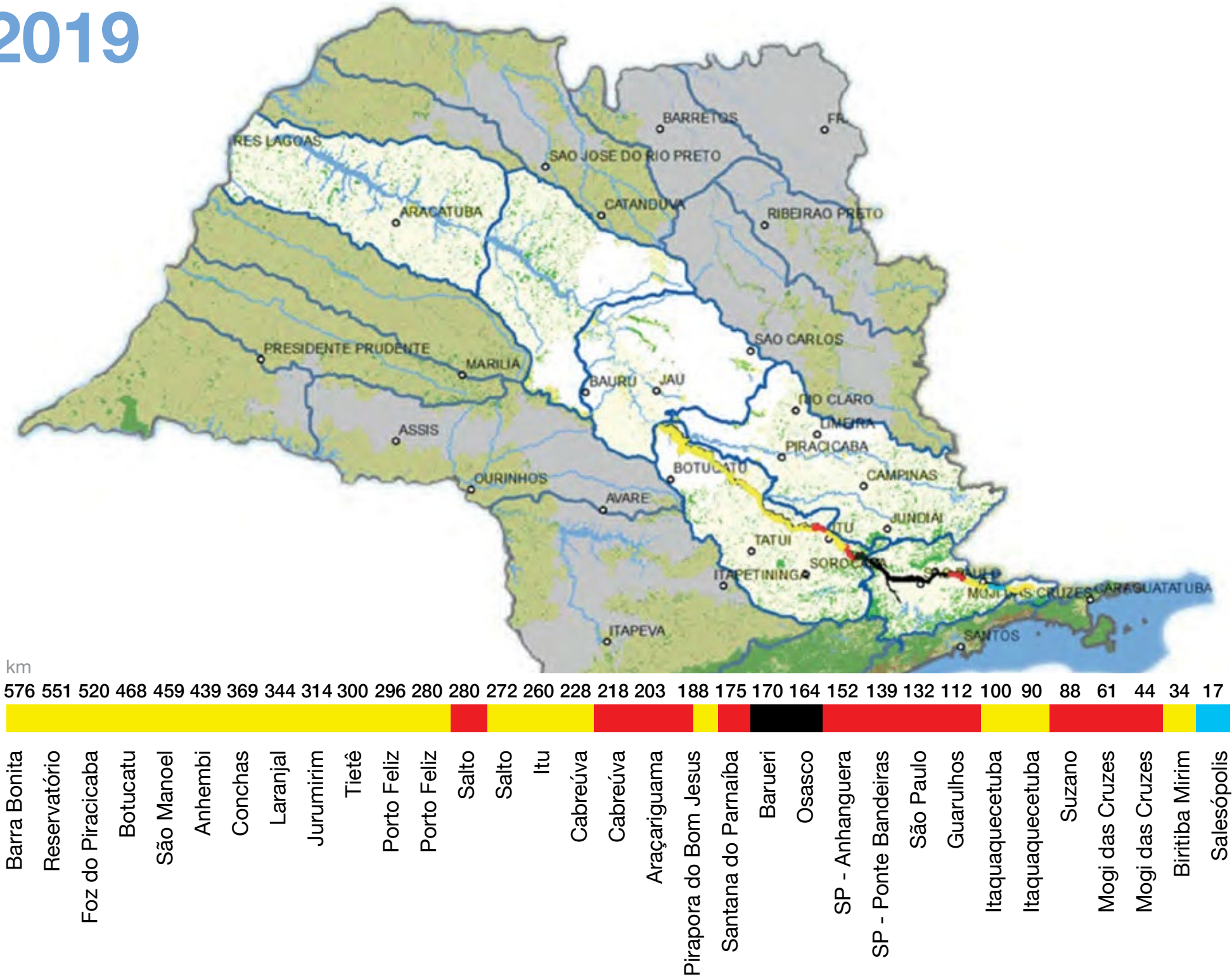
2021



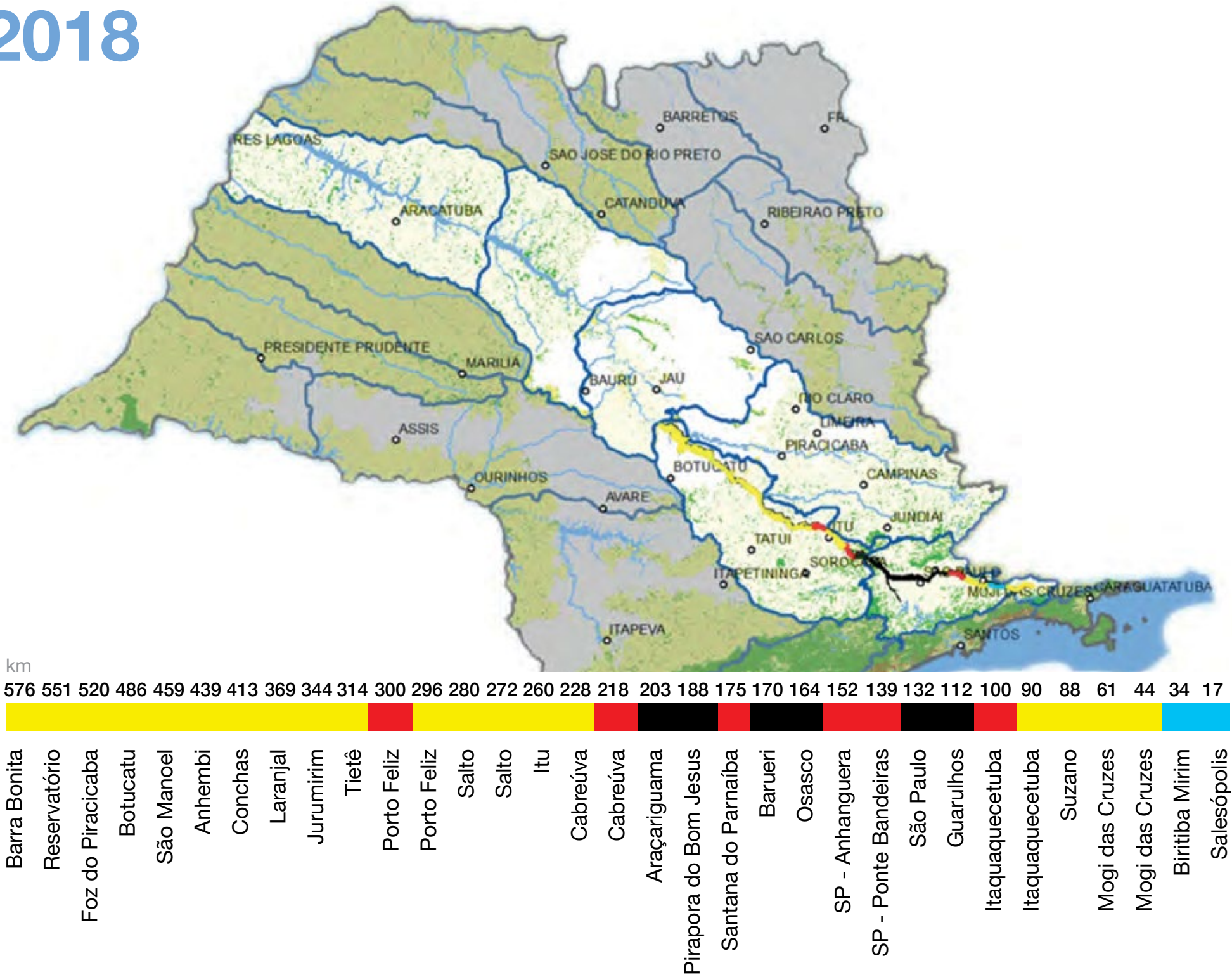
2020



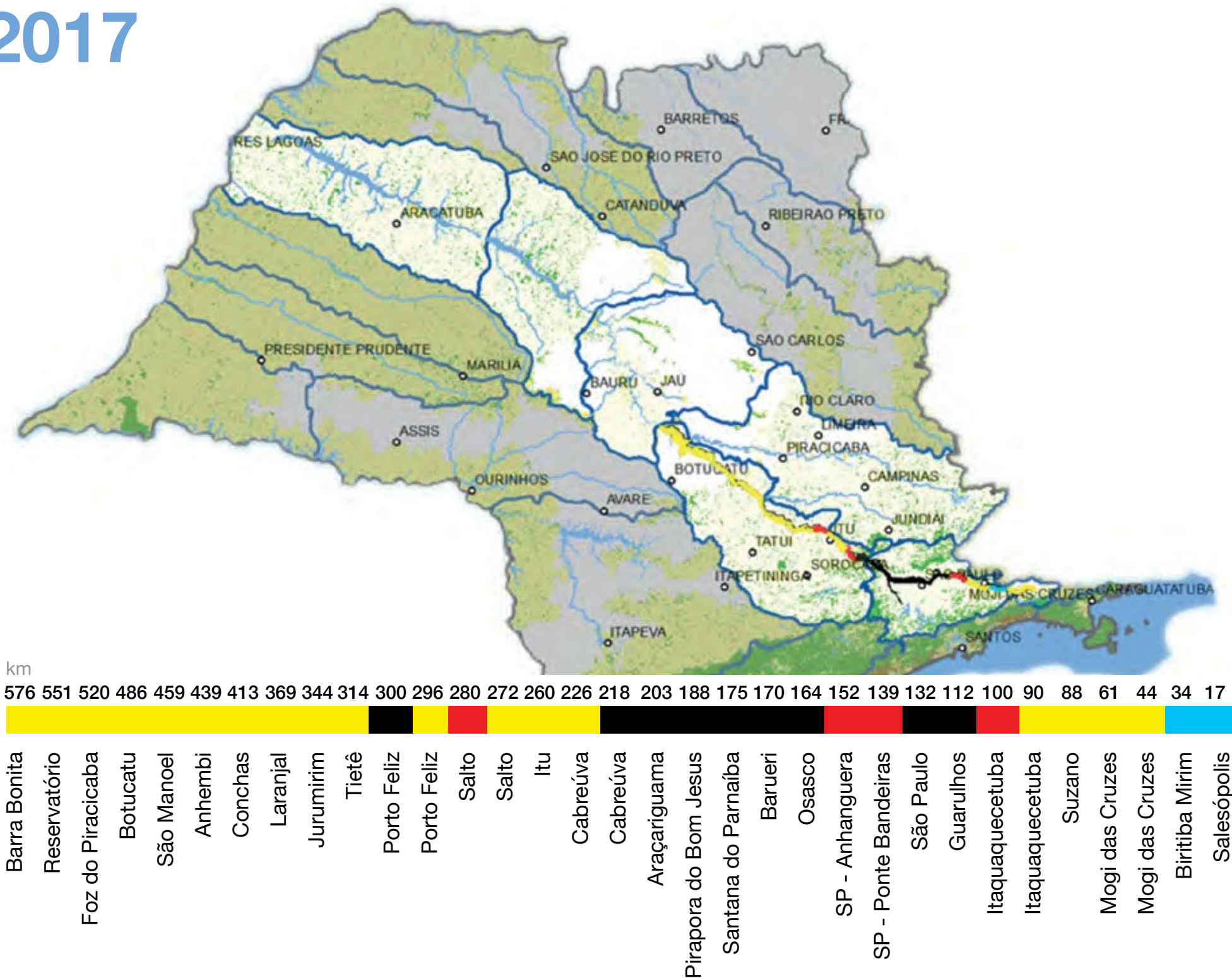
2019



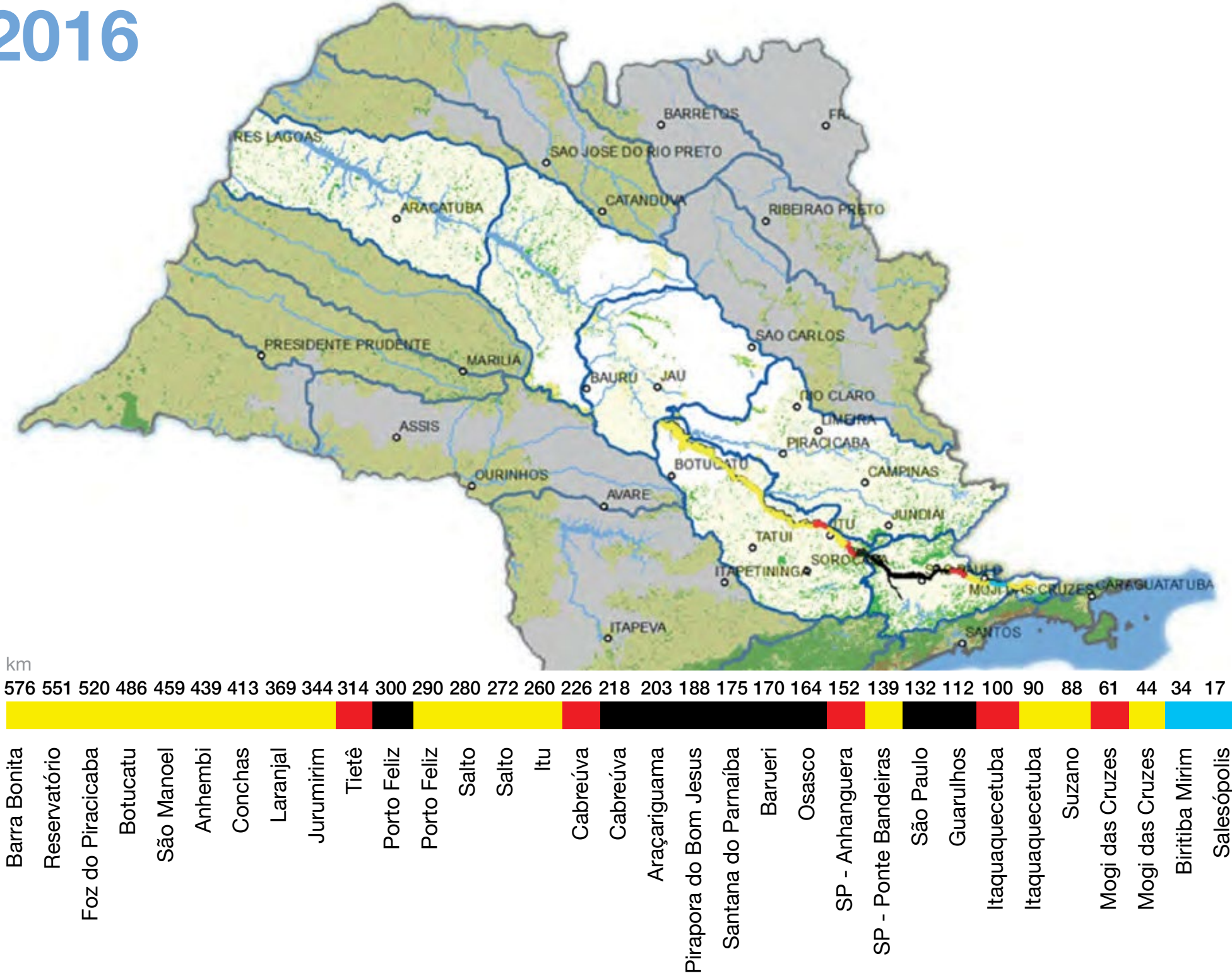
2018



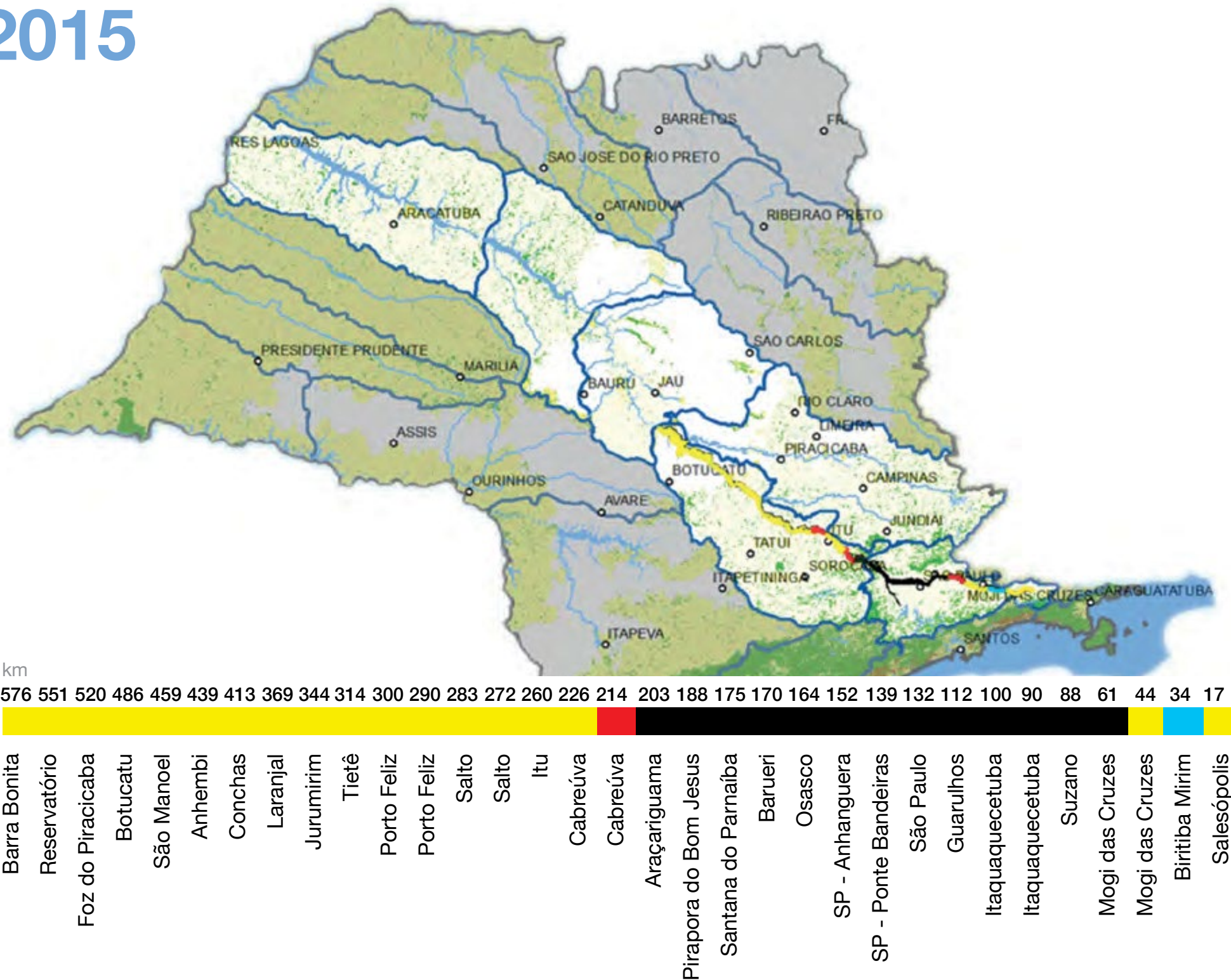
2017



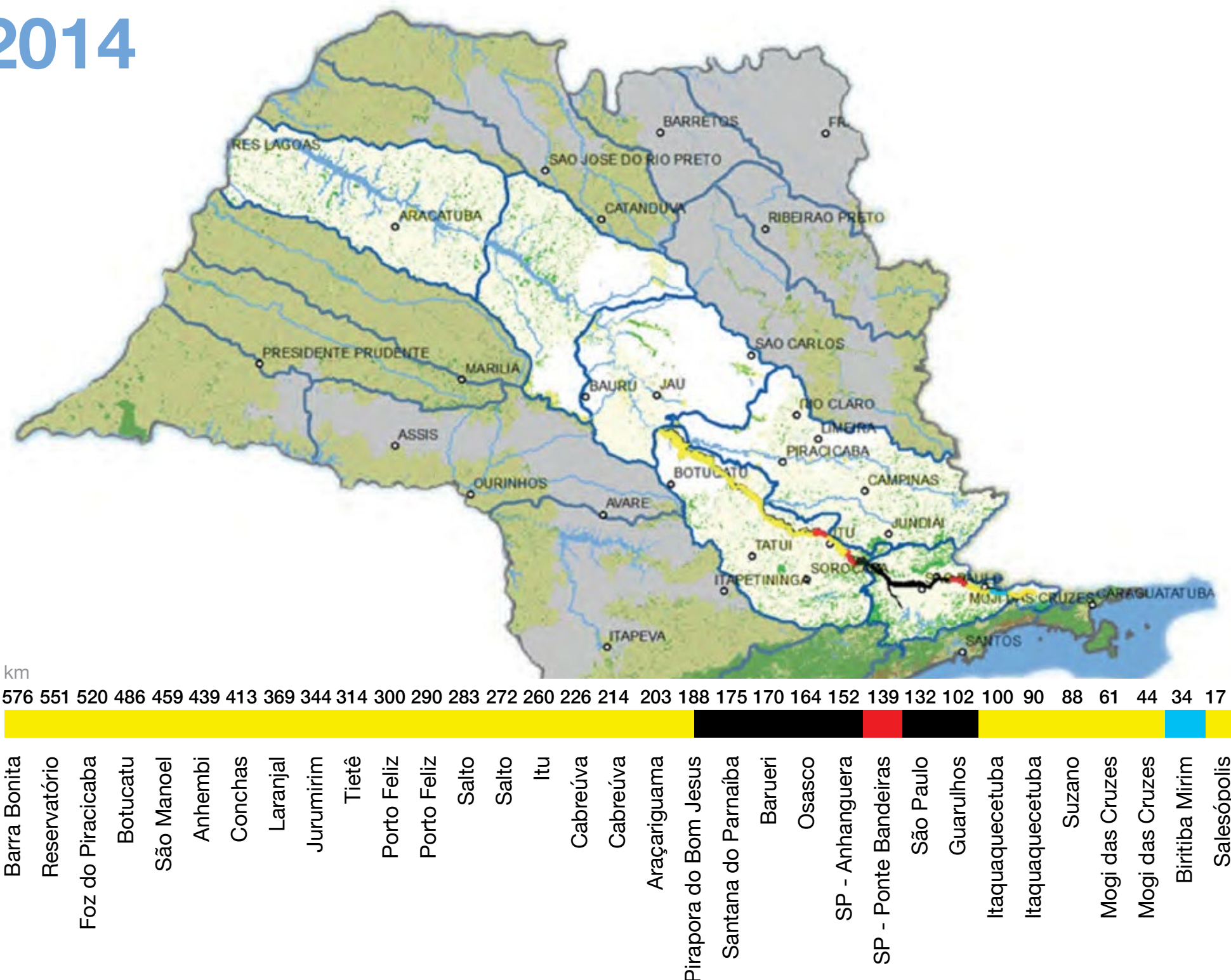
2016



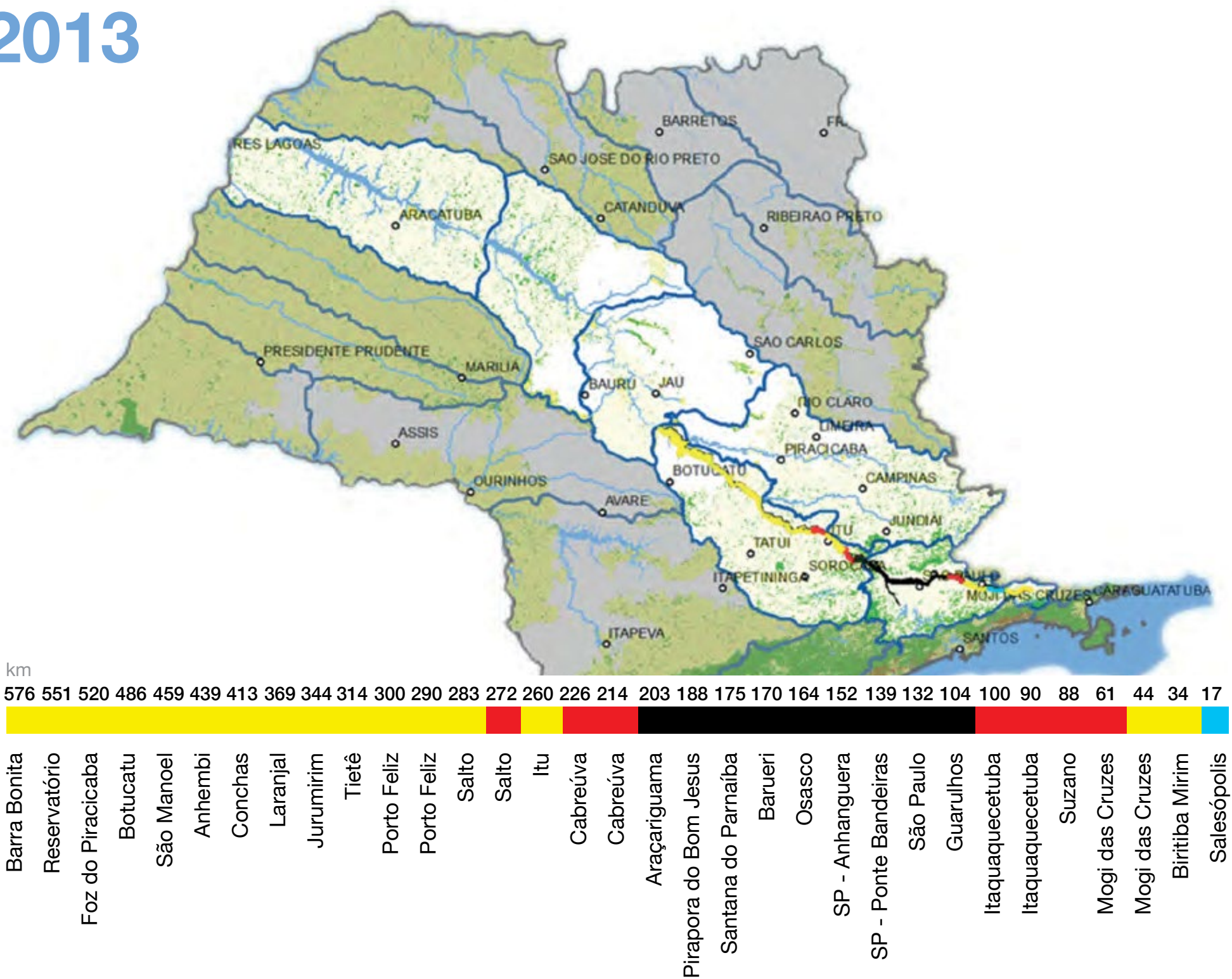
2015



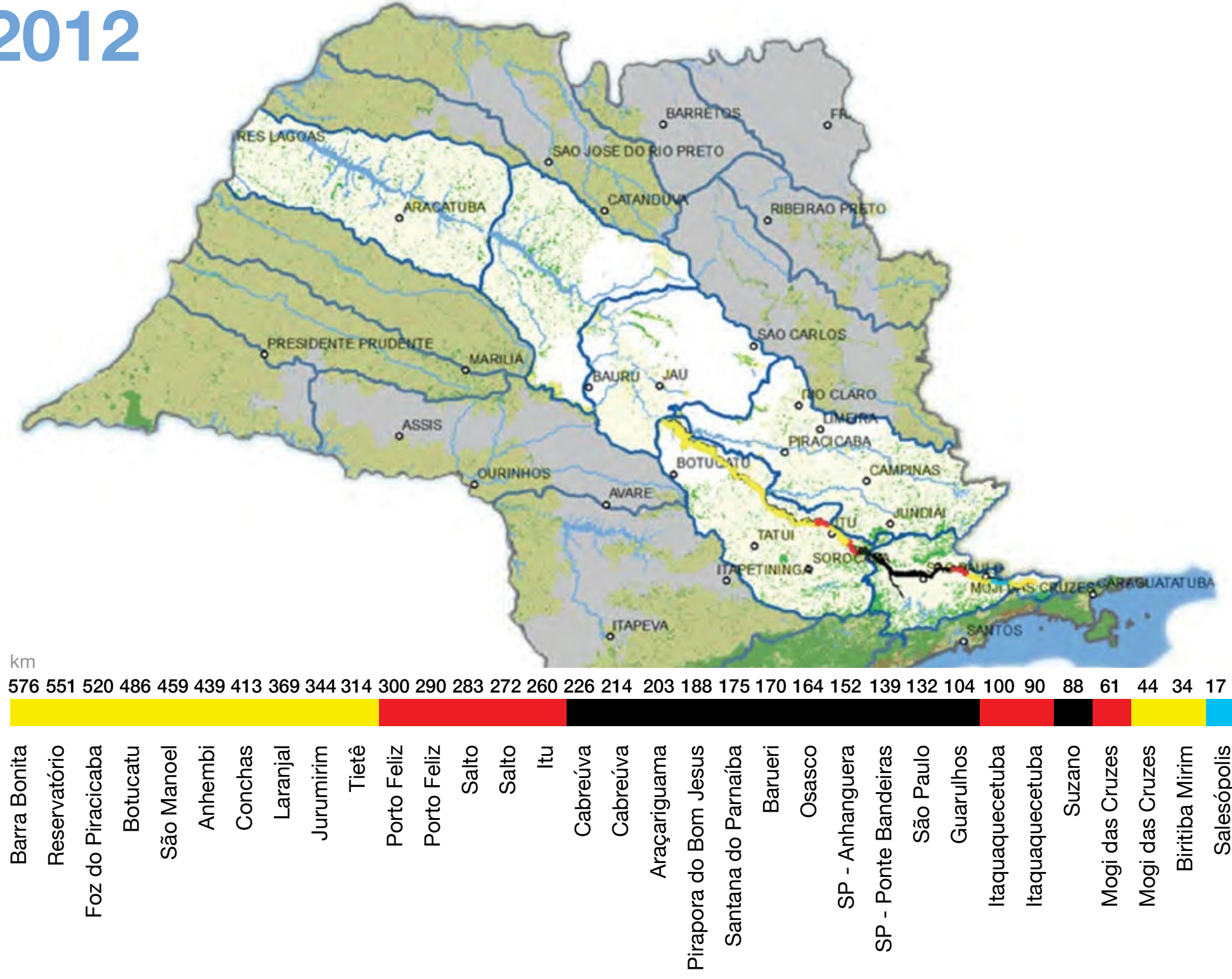
2014



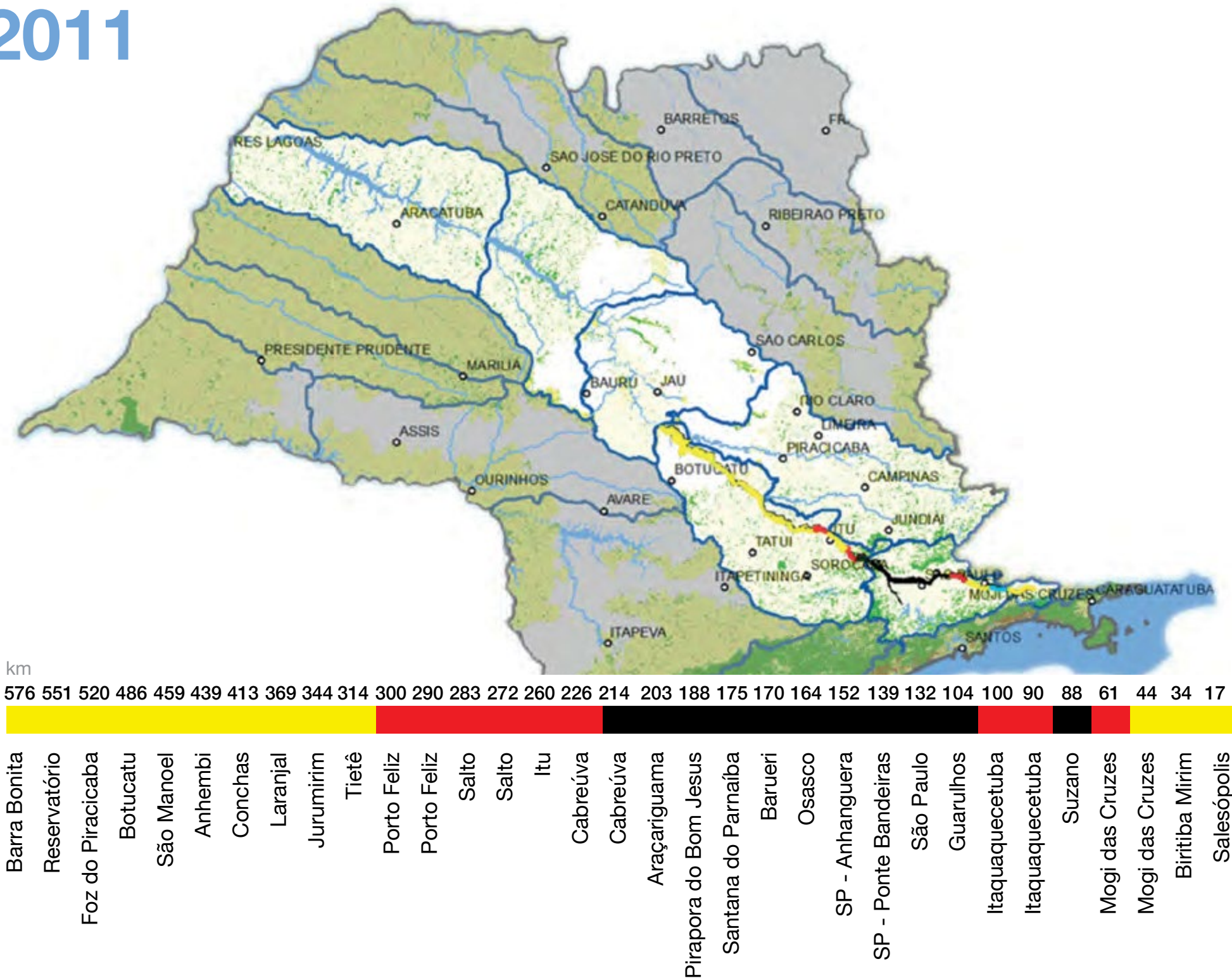
2013



2012



2011



2010

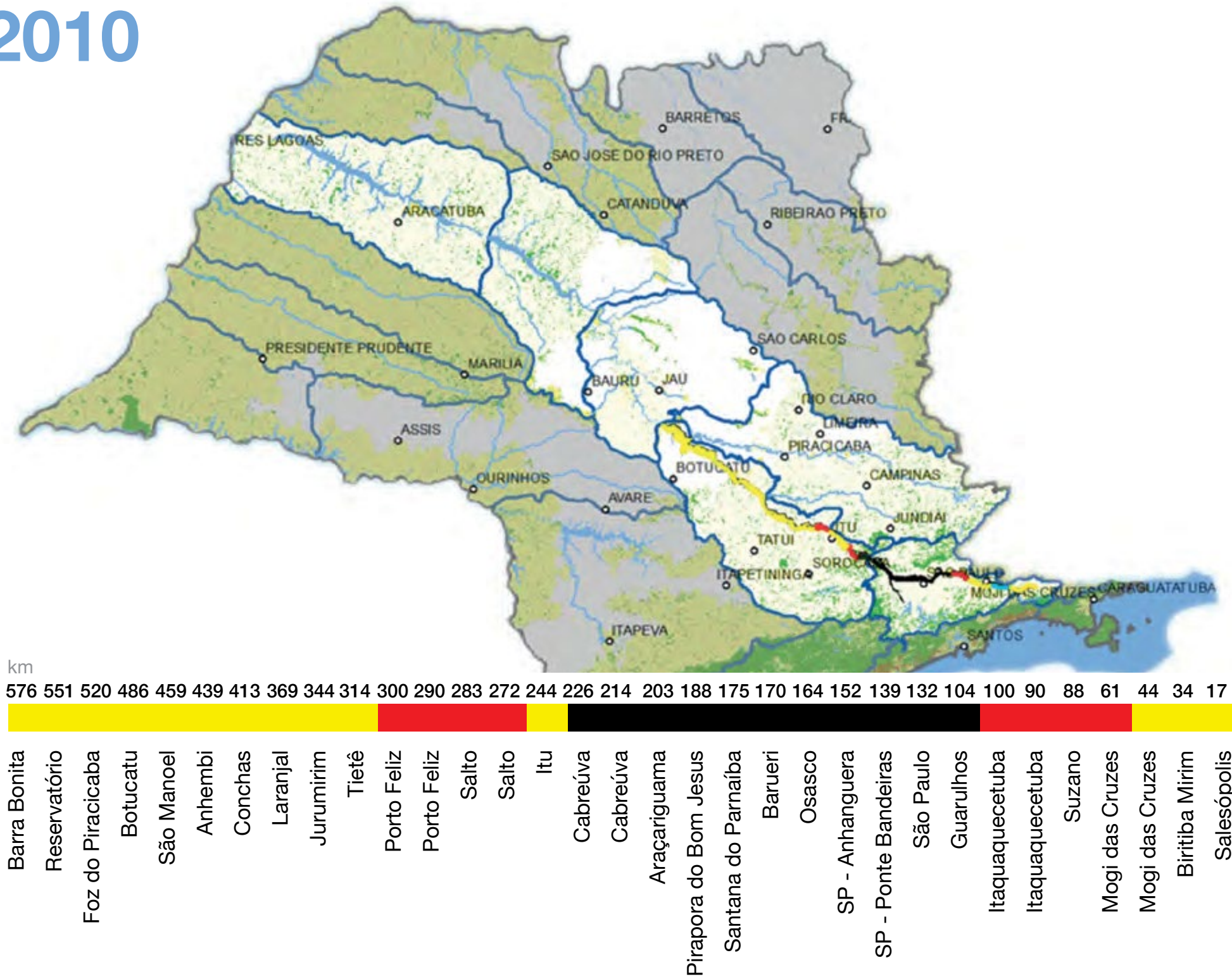
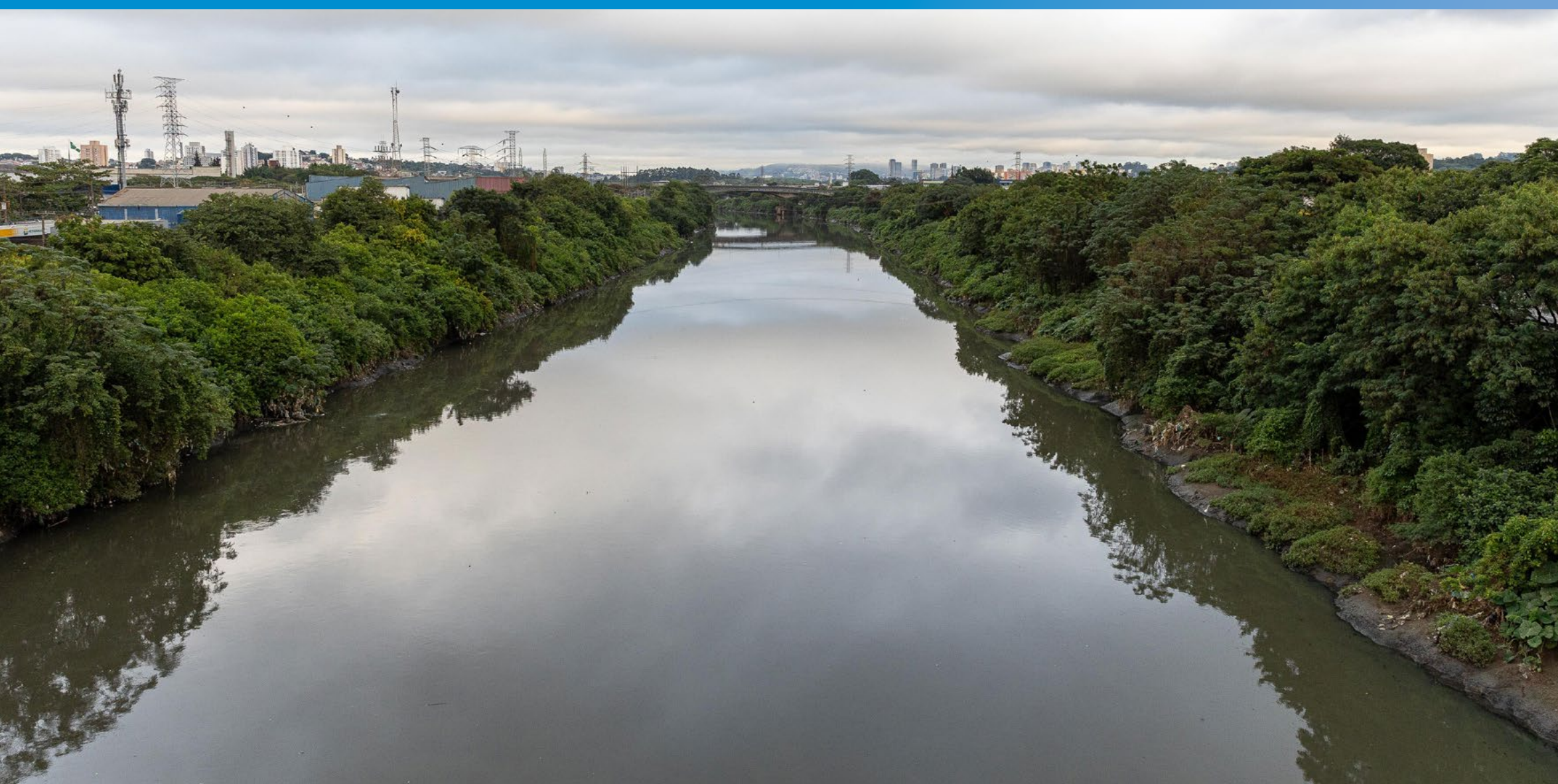


Figura 7 - Mapas da mancha de poluição no rio Tietê - 2010-2025

05

A Continuidade do Projeto Tietê



O Projeto Tietê nasceu da mobilização da sociedade em defesa do rio e hoje está na fase final de sua quarta etapa, marcada por um aumento expressivo na coleta e no tratamento de esgoto. Em março de 2023, o programa foi reestruturado pela Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística (SEMIL), passando a se chamar Integra Tietê. A iniciativa prevê ações de expansão e melhoria do saneamento básico, desassoreamento, gestão de polders (estruturas de controle de cheias), aprimoramento no monitoramento da qualidade da água e recuperação da fauna e da flora, entre outras medidas.

A recente privatização da SABESP e o novo modelo adotado pelo Estado de São Paulo exigem ampla transparência na gestão desse serviço essencial, que afeta diretamente a vida de 28,4 milhões de pessoas atendidas pela companhia. A SABESP é uma das maiores empresas de saneamento do mundo em população atendida e a terceira em receita, segundo a *Global Water Intelligence*. Atua em 375 municípios paulistas, mas a titularidade do saneamento é municipal, cabendo a prefeitos e prefeitas definir o modelo mais adequado para suas cidades.

Os resultados positivos propagados à sociedade ainda não aparecem. Ao contrário, problemas surgiram, com episódios preocupantes: denúncias de despejos de esgotos com piora na qualidade da água do reservatório Guarapiranga e falhas operacionais que resultaram em descargas massivas de esgoto nos rios em 2025 — no Tietê, na altura da Ponte da Freguesia do Ó, em junho, e no Pinheiros, junto à Estação Elevatória de Esgoto, em agosto. Esses despejos irregulares comprometeram a qualidade da água em um momento crítico de escassez e impactam os indicadores medidos na mensuração da mancha sobre o rio Tietê.

O saneamento é um direito fundamental e a precariedade dos índices brasileiros evidencia uma violação inadmissível, sobretudo nas periferias urbanas e em comunidades mais vulneráveis. A ausência de investimentos contínuos reflete-se diretamente na degradação ambiental dos rios e na saúde pública.

Outro ponto crítico é a capacidade de regulação do Estado e de governança da sociedade. O modelo atual não assegura que os recursos sejam reinvestidos no próprio saneamento, o que torna o cenário ainda mais preocupante.

Vale reforçar que o Projeto Tietê é uma conquista da sociedade e precisa ser mantido e acelerado com a universalização da coleta e do tratamento de esgoto na Região Metropolitana de São Paulo, responsável por impactar grandes trechos do rio nas bacias a jusante. Que o Integra Tietê assuma, de fato, o compromisso de dar continuidade ao projeto iniciado no início da década de 1990, respondendo à expectativa da sociedade por rios limpos e vivos. Que se consolide e traga resultados efetivos, com transparência, instrumentos de gestão e governança e, sobretudo, inovação, incorporando soluções baseadas na natureza, novas tecnologias e inclusão social.

06

Mobilizações e Remadas



A água é essencial à vida e ocupa lugar central na cultura humana. Desde os primórdios, os rios sustentaram assentamentos, garantiram agricultura, higiene, alimentação, transporte, além de inspirarem rituais, esportes, lazer e arte. Com a industrialização e a expansão das cidades, muitos rios foram relegados ao esquecimento, poluídos ou até apagados da paisagem urbana. Essa ruptura afastou a população de práticas historicamente ligadas à água.

Entretanto, em algumas cidades, especialmente naquelas que preservaram melhores condições ambientais ou onde houve forte mobilização social, práticas tradicionais como o remo, a pesca e o banho de rio seguem vivas. Resgatar e fortalecer essa conexão é um ato de resistência e uma forma de manter viva a relação ancestral entre a sociedade e os rios.

Nesse espírito, a SOS Mata Atlântica apoiou e organizou, no período abrangido por este relatório, três remadas, todas com o objetivo de chamar a atenção para a importância da água e reforçar a necessidade de manter viva essa conectividade fundamental.

Setembro de 2024 – Remada do Rio Tietê (São Paulo)



Em parceria com clubes de remo, voluntários, órgãos públicos e com o apoio do então DAEE (hoje SP Águas), foi retomada a tradicional remada no Dia do Rio Tietê (22/9). O evento coincidiu com o lançamento do estudo anual de qualidade da água e reuniu embarcações que coloriram um trecho do rio geralmente esquecido e criminalizado.

A ação simbolizou a retomada do uso náutico do Tietê, prática que já foi comum na capital paulista, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a pressão pela despoluição. Participaram grupos como Meninos da Billings, Canoar, FECAESP e Limpeza na Represa, além de autoridades. Em 2025, o evento será ampliado, com simulação de regatas próximas à Barragem da Penha.



Novembro de 2024 – Remada na Represa Guarapiranga (São Paulo)



Em parceria com o grupo Limpeza na Represa, remadores das represas Guarapiranga e Billings e a SOS Mata Atlântica realizaram um mutirão de coleta de resíduos. O evento contou com a presença do Jacaré Teimoso, inflável de 10 metros que simboliza a luta pelo Tietê. Em apenas duas horas, foram retiradas mais de duas toneladas de resíduos, principalmente plásticos. A ação evidenciou a urgência de avançar em saneamento, gestão de resíduos, educação ambiental, logística reversa e fiscalização no entorno das represas.



Fevereiro de 2025 – Passeio a Remo no Rio Piracicaba (Piracicaba/SP)



Tradicional evento que reúne centenas de embarcações e milhares de participantes, o passeio teve como objetivo sensibilizar a população e a imprensa sobre as ameaças ao rio. Entre elas o lançamento ilegal de vinhoto - resíduo líquido da produção de etanol que pode causar sérios impactos ambientais se descartado de forma inadequada, como a mortandade de peixes -, e as obras previstas em sua margem, que podem descaracterizar esse importante patrimônio natural e cultural. O evento contou ainda com a participação de voluntários do Observando os Rios que monitoram a qualidade da água no município.



07

Expedição Tietê 2025



Entre os dias 09 e 14 de junho de 2025, a SOS Mata Atlântica organizou uma expedição científica ao longo dos mais de 1.100 km do rio Tietê, com o objetivo de coletar amostras de água em diferentes trechos do seu curso. Foram definidos 14 pontos de coleta, nos quais também foram registradas as características do entorno do rio.

A jornada teve início na nascente do rio, no Parque Estadual das Nascentes do Tietê (Salesópolis), e seguiu até a foz, no rio Paraná (Itapura). Contou com a colaboração de quatro universidades parceiras: Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - Campus Baixada Santista, que aferiu dados sobre microplásticos e fármacos; Universidade Federal do ABC (UFABC), que analisou o carbono orgânico total presente na água; a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), por meio do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA), responsável pela medição de pesticidas; e a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), por meio do Projeto Índice de Poluentes Hídricos (IPH), que verificou organismos microbiológicos potencialmente patogênicos e o IQA.

Durante a Expedição, houve ampla cobertura da imprensa local, o que ampliou a repercussão e gerou grande expectativa em torno dos resultados, a serem divulgados em relatório específico nos próximos meses.

O registro completo da Expedição, juntamente com os resultados das análises e estudos realizados em parceria com as universidades, será apresentado em um relatório especial.



08

Considerações Finais



Poluir um rio é rápido; porém recuperá-lo exige tempo. Por isso, é fundamental manter atenção constante, com investimentos permanentes em saneamento e educação ambiental, a fim de prevenir a degradação dos corpos d’água.

A qualidade da água doce superficial depende diretamente das condições das bacias hidrográficas: do uso do solo, das atividades econômicas, das políticas ambientais e de saneamento básico, da cobertura vegetal e das variações climáticas. O IQA traduz essa realidade em números, que refletem não apenas a saúde dos rios, mas também a da população e a sustentabilidade da região.

Neste ciclo, constata-se novamente tímidos avanços na despoluição do Tietê, com alguma melhora observada em pontos específicos, mas também com retrocessos que servem de alerta para correção de rumos e aperfeiçoamentos. A percepção da sociedade acompanha esse quadro: após mais de 30 anos do início do Projeto Tietê, os resultados seguem lentos, alimentando a descrença.

Para acelerar o processo, é indispensável considerar soluções complementares baseadas na natureza — como sistemas alternativos de tratamento descentralizado, recuperação de nascentes, recomposição de matas ciliares e criação de áreas de infiltração de água nas cidades. Essas práticas contribuiriam para reduzir enchentes, diminuir a carga de sedimentos nos rios, ampliar a resiliência climática e fortalecer a biodiversidade nos ambientes urbanos.

Outro ponto fundamental é a necessidade urgente de aprimoramento na legislação que trata da qualidade da água, para abolir a Classe 4 do enquadramento de rios, que mantém a condição de poluição extrema ao não impor padrões mínimos de qualidade. Essa mudança também depende do fortalecimento dos instrumentos de gestão e governança e só será possível, com esforços conjuntos entre governos, setor privado e sociedade civil.

Nos últimos anos, episódios de degradação evidenciaram a fragilidade do rio Tietê. A abertura recorrente da barragem de Pirapora, sem retirada prévia de sedimentos contaminados acumulados no reservatório, tem liberado grande quantidade de lodo, escurecendo as águas do rio — como ocorreu novamente em agosto de 2025, durante a elaboração desse relatório. Pouco antes, em julho, o rompimento de um interceptor de esgoto na Marginal Tietê, na Capital, resultou em despejo irregular que anulou avanços recentes nos indicadores de qualidade. Apesar de multas aplicadas, essas práticas precisam cessar definitivamente.

Além disso, a transferência de poluentes entre sub-bacias não pode ser naturalizada: deve haver compensações efetivas para que décadas de investimentos e monitoramento não sejam comprometidos. A legislação vigente prevê instrumentos de cobrança pelo uso da água, com base nos princípios do usuário pagador e do poluidor pagador, calculados a partir da carga poluidora gerada. Aplicar corretamente esses instrumentos, mais do que uma medida compensatória, é uma forma socioeducativa de gestão do recurso hídrico.

É importante lembrar que, embora a redução da mancha de poluição observada em 2025 traga um sinal positivo, os resultados ainda são frágeis e insuficientes diante da expectativa social e dos indicadores já alcançados.

O caminho para rios limpos não se resume à construção de redes de esgoto e estações de tratamento. Exige um conjunto de medidas integradas, entre as quais:

- proteção e recuperação de nascentes;
- recomposição da vegetação ciliar;
- controle do uso e da ocupação do solo nas bacias;
- redução do uso de agrotóxicos e fertilizantes;
- recuperação dos afluentes, essenciais para a vida do Tietê;
- fortalecimento das políticas públicas de gestão e governança da água;
- ampliação da ciência cidadã e do monitoramento social;
- maior eficiência e controle dos sistemas de tratamento de efluentes.

A SOS Mata Atlântica e outras organizações da sociedade civil permanecem vigilantes, cobrando que a universalização do saneamento chegue, o quanto antes, à população das bacias hidrográficas do Tietê. O objetivo é possibilitar que, mais uma vez, possamos conviver em harmonia com o rio, como ocorreu até meados do século XX.

É necessário e urgente que a bacia do Alto Tietê, por meio de seu Comitê de Bacia Hidrográfica, estabeleça em seu Plano de Bacias metas progressivas e ambiciosas para a melhoria da qualidade da água, a fim de reduzir o impacto que a Região Metropolitana de São Paulo gera e transfere para outras regiões hidrográficas. Para isso, é fundamental que os afluentes e subafluentes da bacia do Alto Tietê sejam requalificados em classes de água condizentes com as necessidades da sociedade.



A Classe 4 reduz o rio à função de receber remanescentes de resíduos das atividades humanas, industriais e agrícolas, transformando-o praticamente em um diluidor de poluição, sem condições de sustentar a vida ou atender a outros usos públicos, coletivos e ecossistêmicos.

Essa realidade evidencia a necessidade de planos integrados para toda a bacia do rio Tietê, contemplando tanto o saneamento nas cidades quanto o uso da terra nas áreas rurais, com o objetivo de conservar a quantidade e a qualidade da água e assegurar seus múltiplos usos ao longo dos seus 1.100 km de extensão.

Medidas como a criação de um Parque Linear e o tombamento das corredeiras do Vale do Tietê, no trecho do Médio Tietê Superior, são fundamentais para resgatar essa convivência e valorizar o rio como patrimônio natural e cultural.

O futuro do Tietê depende de um pacto coletivo entre governos, setor produtivo e sociedade civil — um compromisso real para que o rio volte a correr limpo, pulsante e volte a ser verdadeiramente parte da vida das pessoas.

09

Referências Bibliográficas

BRANCO, Samuel Murgel. **Água:** origem, uso e preservação. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Polêmica, 47).

BRANDÃO, C. J.; BOTELHO, M. J. C; SATO, M. I. Z.; LAMPARELLI, M. C. (org.). **Guia nacional de coleta e preservação de amostras:** água, sedimento, comunidades aquáticas e efluentes líquidos. São Paulo: CETESB; Brasília: ANA, 2011. Disponível em: http://www.clean.com.br/downloads/Guia_Nacional_de_Coleta_e_Preservacao_de_Amostras_.pdf. Acesso em: 08 set. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. CONAMA. Resolução nº 357, de 17 de março de 2005. Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, ano 142, n. 53, p. 58-63, 18 mar. 2005. Disponível em: <https://www legisweb.com.br/legislacao/?id=102255> . Acesso em: 08 set. 2025.

CALLISTO, M.; FERREIRA, W. R.; MORENO, P.; GOULART, M.; PETRUCIO, M. Aplicação de um protocolo de avaliação rápida da diversidade de habitats em atividade de ensino e pesquisa (MG-RJ). **Acta Limnologica Brasiliensia**, v. 14, n. 1, p. 91-98. 2002. Disponível em <https://jbb.ibict.br/bitstream/1/708/1/Callisto%20et%20al..pdf>. Acesso em: 08 set. 2025.

CETESB. **Qualidade das águas interiores no Estado de São Paulo 2022**. São Paulo: CETESB, 2023. Disponível em <https://cetesb.sp.gov.br/aguas-interiores/wp-content/uploads/sites/12/2023/09/Relatorio-de-Qualidade-das-Aguas-Interiores-no-Estado-de-Sao-Paulo-2022.pdf> . Acesso em: 08 set. 2025.

COMITÊ da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê. **Boletim exutório do Alto Tietê**. jan. – jun. 2023. Disponível em <https://comiteat.sp.gov.br/camaras-tecnicas/monitoramento-hidrologico/boletins-de-monitoramento/#1708448065648-1fcc1ff2-2760>. Acesso em 08 set. 2025.

CONNOR, R.; COATES, D.; UHLENBROOK, S.; KONCAGÜL, E. **Relatório Mundial das Nações Unidas sobre desenvolvimento dos recursos hídricos 2018**: soluções baseadas na natureza para a gestão da água - resumo executivo. Perúgia: WWAP ONU-Água, 2018. 12 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261594_por. Acesso em: 08 set. 2025.

FABHAT. **Relatório da situação dos recursos hídricos da bacia hidrográfica do Alto Tietê 2022, ano base 2021**. Disponível em: <https://comiteat.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/Deliberacao-CBH-AT-no-153-de-27.10.2022-Anexo-I-Relatorio-de-Situacao-1.pdf> . Acesso em 08 set. 2025.

OTSUKA, A. A.; ATTILI-ANGELIS, D.; MORALES, M. A. M.; ANGELIS, D. F. Microrganismos também existem nas águas: por que precisamos conhecê-los? **Boletim das Águas**, Edição 2015. Disponível em <https://conexaoagua.mpf.mp.br/arquivos/artigos-cientificos/2016/11-microrganismos-tambem-existem-nas-aguas-por-que-precisamos-conhece-los.pdf> . Acesso em: 08 set. 2025.

ROCHA, A. A.; VIOLINI, F. G.; MANTOVANI, M.; RIBEIRO, M. L.; BRANCO, S. M. **Observando o Tietê**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2004.

SMITH, D. Culture collections. **Advances in Applied Microbiology**. Academic Press, v. 79, p. 73-118. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-394318-7.00004-8>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/B9780123943187000048?via%3Dihub>. Acesso em 08 set. 2025.

STANDARD methods for the examination of water and wastewater. 23rd. Washington, American Public Health Association, 2017.



A Fundação SOS Mata Atlântica é uma organização da sociedade civil brasileira sem fins lucrativos. Fundada em 1986, tem como missão inspirar a sociedade na defesa do bioma mais devastado do país. Atua para promover políticas públicas para conservar e restaurar a Mata Atlântica, trabalhando de maneira integrada as temáticas de água, biodiversidade e clima. Monitora a situação das florestas e ecossistemas associados, além de trabalhar para recuperar áreas já degradadas. Também defende e cria políticas públicas em prol do bioma. Essa causa beneficia diretamente mais de 70% da população brasileira, que vive na Mata Atlântica e depende dela para ter qualidade de vida.

Presidência

Marcia Hirota

Vice-Presidência

Pedro Luiz Barreiros Passos

Roberto Luiz Leme Klabin

Vice-Presidência de Finanças

Morris Safdié

CONSELHOS

Conselho Administrativo

Clayton Ferreira Lino, Fernando Reinach, Gustavo Martinelli, Jean Paul Metzger, José Olympio da Veiga Pereira, Luciano Huck, Natalie Unterstell

Conselho Fiscal

Daniela Gallucci Tarneaud, Ilan Ryfer

DIRETORIAS

Diretoria Executiva e de Conhecimento

Luís Fernando Guedes Pinto

Diretoria de Mobilização

Afra Balazina

Diretoria de Finanças e Negócios

Olavo Garrido

Diretoria de Políticas Públicas

Maria Luísa Ribeiro

DEPARTAMENTOS

Administrativo-Financeiro

Ana Luiza Santos, Aislan Silva, Ana Paula Guido, Fabiana Costa, Fernanda Deliss, Ítalo Sorrilha, Jessica Botelho, Kezia Moraes**, Larissa Pilon, Mira Lami, Patrícia Galluzzi

Mobilização

Andrea Herrera, Kelly De Marchi, Marina Souza, Matheus Mussolin, Verônica Cardoso

Negócios

Carlos Abras, Ana Paula Santos, Flavia Spolidorio, Rosiane Santos

Políticas Públicas e Advocacy

Beloyanis Monteiro, Izabel de Oliveira*, Lídia Parente*

Tecnologia da Informação

Kleber Santana

CAUSAS

Restauração da Floresta

Rafael Fernandes, Ana Beatriz Liaffa, Alessandra de Jesus, Alex Rocha, Berlânia dos Santos, Celso da Cruz, Claudiana Rodrigues, Cleonice Ferreira, Cosme Cruz Filho, Elane dos Santos, Fernanda dos Santos, Filipe Lindo, Gildeson Marques, Ismael da Rocha, George de Jesus, Jhonata da Silva, Jirlan Souza, Joaquim Prates, José Hiago, Jucilande Pereira, Juliane Marum, Kaisa Fonseca, Loan Barbosa, Lohhany Teixeira, Lucas Costa, Maria de Jesus, Maria Neide Santos, Nielson Bernardo, Reginaldo Américo, Roberto da Silva, Tainá Sterdi, Valdir dos Santos, Wilson de Souza

Áreas Protegidas

Diego Martinez, Moema Septanil

Água Limpa

Gustavo Veronesi, Aline Cruz, Cesar Pegoraro*, Marcelo Naufal*

EXPEDIENTE

Observando o Tietê 2025
O Retrato da Qualidade da Água e a Evolução dos Indicadores de Impacto do Projeto Tietê

Coordenação Causa Água Limpa

Gustavo Veronesi

Redação

Afra Balazina, Aline Cruz, Cesar Pegoraro, Gustavo Veronesi (organizador), Luís Fernando Guedes Pinto, Marcelo Naufal, Maria Luisa Ribeiro e Marina Vieira Souza

Pesquisa de Imagens

Andrea Herrera

Edição e Produção Editorial

Marcelo Bolzan / Estúdio Verbo

Projeto Gráfico e Diagramação

Rodrigo Masuda / Estúdio Verbo

Revisão

Ana Cíntia Guazzelli / Guazzelli Comunicação Socioambiental

Crédito das Fotos

Capa,p.3,6,7,15,20,32,34,35,38-40,43 - Léo Barrilari
p.11,12,14 - Acervo SOS
p.36 - Cesar Pegoraro
p.37 - Aline Cruz

*consultor(a)

** estagiária

SOS MATA ATLÂNTICA
Rodovia Marechal Rondon, km 118
13300-970, Porunduva – Itu, SP

www.sosma.org.br

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ONLINE



@SOSMataAtlantica



@sosma



@sosmata



@sosmataatlantica



@sosmataatlantica



@fundação-sos-
mata-atlantica